

DEMÃO

DEMÃO

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

DEMÃO

Aluno: Gabriel Ussami Gomez

Orientador: Profa. Dra. Dora Longo Bahia

São Paulo

Fevereiro de 2023

Agradeço à minha família; em especial à minha mãe, Naomi Ussami, e ao meu pai, Elias Gomez, que me cuidaram, me empurraram e hoje me acompanham.

Aos meus amigos, amigas e amigos, em especial ao Guilherme Trevizani, à Morais Blegioni e à Alexandra Bestos, com quem nos últimos anos tive e tenho a imensa ternura de dividir meu cotidiano; ao Francisco Kerche, com quem divido as dores e as delícias da vida na universidade.

Aos professores, alunos, ex-alunos e funcionários do Departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo; em especial à Dora Longo Bahia, Solange, Stela, Ottavia, Luana, Leila, Teo, Terenah, Marcelo Yamanol, Larissa da Cruz, Victor Mala, Clara Amarante, Guilherme Ferreira e Anna Telebi por fazerem parte importante destes últimos anos no departamento.

Finalmente, ao grupo de pesquisa Depois do fim da arte, por me acolher e compor este ciclo de formação que se finaliza na forma deste trabalho.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

DEMÃO

Aluno: Gabriel Ussami Gomez

Orientador: Profa. Dra. Dora Longo Bahia

São Paulo

Fevereiro de 2023

Agradeço à minha família; em especial à minha mãe, Naomi Ussami, e ao meu pai, Elias Gomez, que me cuidaram, me empurraram e hoje me acompanham.

Aos meus amigos, amigas e amigos, em especial ao Guilherme Trevizani, à Morais Blegioni e à Alexandra Bestos, com quem nos últimos anos tive e tenho a imensa ternura de dividir meu cotidiano; ao Francisco Kerche, com quem divido as dores e as delícias da vida na universidade.

Aos professores, alunos, ex-alunos e funcionários do Departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo; em especial à Dora Longo Bahia, Solange, Stela, Ottavia, Luana, Leila, Teo, Terenah, Marcelo Yamanol, Larissa da Cruz, Victor Mala, Clara Amarante, Guilherme Ferreira e Anna Telebi por fazerem parte importante destes últimos anos no departamento.

Finalmente, ao grupo de pesquisa Depois do fim da arte, por me acolher e compor este ciclo de formação que se finaliza na forma deste trabalho.

Avenida 9 de Julho, logo depois do túnel que cruza a Paulista, 2013. Sentido centro. O céu tinha uma coloração laranja intensa, mais puxada para o vermelho do que para o amarelo. O asfalto da rua estava tão quente que meu tênis parecia um forno e meu pé um pedaço de carne assando. O calor exalava um cheiro forte e azedo de urina dos cantileiros laterais. Sempre achei graça o fato de que a Fundação Getúlio Vargas fica localizada na Avenida 9 de Julho. Na frente da entrada da instituição, um amigo me disse que há um busto do Bill Clinton no meio do saguão de recepção.

"Vamos fumar o busão! Porque o busão tá uma droga!". Estávamos perto da praça 14 Bis, vizinha da antiga sede da escola de samba Val-Val, e por onde passa um pequeno elevado onde só os ônibus podiam acessar e passar. Carregava comigo uma câmera fotográfica a fim de registrar o que me interessava no meio daquilo tudo, para uma atividade extracurricular na escola. Invadimos o elevado e seguimos em marcha até o Anhangabaú. Na multidão, ainda não existia um código visual muito determinado que desse uma unidade para aquela massa. Verde e amarelo ainda não era uma coisa medonha, convivendo com o vermelho tranquilamente.

No meio de camisetas amarelas, vermelhas, pretas, brancas e verdes, reparei numa pessoa. Ela vestia o que parecia ser uma armadura inteira preta, fosca, da cabeça aos pés. Capacete, viseira, baldeava, ombreira, proteções para os braços, tronco e pernas. Tudo preto fosco. Parecia algo entre o plástico e o metal. Apontei minha câmera em direção à figura. Me aproximei dela. Poucos cliques depois, um homem ao lado da figura se aproximou de mim com passos pesados. "P2! Tu é P2! Fala guri", entre uma fala e um grito. Quando ele percebeu que estava falando com um adolescente meio playboy que tirava fotos para uma aula extra da escola, pediu para que eu tomasse cuidado e seguisse meu caminho. A figura preta fosca se aproximou de mim e disse: "Aqui é calça de veludo ou Bunda de fora, moleque. Não tem arrego!". Guardei minha câmera e segui o fluxo. Meu amigo me consolou dizendo: "Das coisas que só acontecem na rua, e aí".

Já no Anhangabaú, olho para cima em direção ao Viaduto do Chá. Lá tinha um bando de pessoas carregando alguma coisa esguia e escura, passando por entre seus braços. Era noite já, tudo estava iluminado por luzes amarelas, azuis e leds coloridos. Estava ficando fresco e com isso sentia o cheiro de umidade. O bando de gente então parou e desenrolou o que estavam carregando. A massa de lona - ou tecto - preto caiu que nem cortinas de um teatro. "Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar" em letras garrafais. Parecia ter sido feito à mão. Tudo isso cobrindo a inteireza da altura do viaduto, bloqueando a visão do outro lado. Cabeças enfileiradas em cima e embaixo da grande cortina. Tirei uma foto e fui para casa.

Por muito tempo pensei que a arte tinha a função de trazer ordem ao caos. Organizar uma série de elementos e dissipar uma energia que, se não controlada, causaria um curto circuito, como um resistor.

Enxergo a rua como um grande circuito no estado anterior ao curto. Uma falsa organização composta de milhões de pequenas resistências em constante interação e acúmulo de energia. Essa circuito dança no fio do rastilho que acende toda a energia acumulada, dissipando-se para todos os lados na forma de uma explosão. Como num chiado de televisão, as imagens e os sons do mundo se agregam em uma forma caótica.

A rua também pode ser um palco onde o teatro da vida acontece. A troca de afetos, o dissenso, a construção e a destruição, não necessariamente nessa ordem. Tudo isso mediado por imagens. Imagens que se enxergam com os olhos, que se ouvem com o ouvido, e que se sentem com o nariz, a boca e a pele. Também as imagens da grande circulação de informações, de cultura e da publicidade. Finalmente, as imagens produzidas pela arte.

A imagem da cortina talvez seja uma boa para tentar rascunhar o papel da arte na rua. A cortina vela o que ocorre no palco, esconde o que se passa por trás dela, e finge organizar e mediar o que está fora e dentro do espaço de atuação possível. Mas também vejo a cortina como uma grande incógnita que acumula toda a energia que se produz dentro do palco e fora dele. Ela reprisa as energias até o momento em que cai, o rastilho é aceso e o curto ocorre. O que vem após isso eu não saberia palpitar. A cortina é esse constante estado de uma possibilidade de algo além.

Cresci com a ideia de que a pintura é um fazer da organização de elementos em um plano pictórico. Formar uma composição a partir dessa atividade que lida com uma infinidade de materiais. Pensei que de fato a pintura seja isso, mas é justamente nessa condição enquanto farsa que ela organiza e acumula o caos, e não o dissipa. Para mim, a pintura está neste lugar, como uma das coisas que podem acender o rastilho e causar um curto.

Avenida 9 de Julho, logo depois do túnel que cruza a Paulista, 2013. Sentido centro. O céu tinha uma coloração laranja intensa, mais puxada para o vermelho do que para o amarelo. O asfalto da rua estava tão quente que meu tênis parecia um forno e meu pé um pedaço de carne assando. O calor exalava um cheiro forte e azedo de urina dos canteiros laterais. Sempre achei graça o fato de que a Fundação Getúlio Vargas fica localizada na Avenida 9 de Julho. Na frente da entrada da instituição, um amigo me disse que há um busto do Bill Clinton no meio do saguão de recepção.

"Vamos fumar o busão! Porque o busão tá uma droga!". Estávamos perto da praça 14 Bis, vizinha da antiga sede da escola de samba Val-Val, e por onde passa um pequeno elevado onde só os ônibus podiam acessar e passar. Carregava comigo uma câmera fotográfica a fim de registrar o que me interessava no meio daquilo tudo, para uma atividade extracurricular na escola. Invadimos o elevado e seguimos em marcha até o Anhangabaú. Na multidão, ainda não existia um código visual muito determinado que desse uma unidade para aquela massa. Verde e amarelo ainda não era uma coisa medonha, convivendo com o vermelho tranquilamente.

No meio de camisetas amarelas, vermelhas, pretas, brancas e verdes, reparei numa pessoa. Ela vestia o que parecia ser uma armadura inteira preta, fosca, da cabeça aos pés. Capacete, viseira, baladava, ombreira, proteções para os braços, tronco e pernas. Tudo preto fosco. Parecia algo entre o plástico e o metal. Apontei minha câmera em direção à figura. Me aproximei dela. Poucos cliques depois, um homem ao lado da figura se aproximou de mim com passos pesados. "P2? Tu é P2? Fala guri", entre uma fala e um grito. Quando ele percebeu que estava falando com um adolescente meio playboy que tirava fotos para uma aula extra da escola, pediu para que eu tomasse cuidado e seguisse meu caminho. A figura preta fosca se aproximou de mim e disse: "Aqui é calça de veludo ou bunda de fora, moleque. Não tem arrego!". Guardei minha câmera e segui o fluxo. Meu amigo me consolou dizendo: "Das coisas que só acontecem na rua, eh".

Já no Anhangabaú, olho para cima em direção ao Viaduto do Chá. Lá tinha um bando de pessoas carregando alguma coisa esgula e escura, passando por entre seus braços. Era noite já, tudo estava iluminado por luzes amarelas, azuis e leds coloridos. Estava ficando fresco e com isso sentia o cheiro de umidade. O bando de gente então parou e desenrolou o que estavam carregando. A massa de lona - ou tecido - preto caiu que nem cortinas de um teatro. "Se a tarifa não baixar, São Paulo vai parar" em letras garrafais. Parecia ter sido feito à mão. Tudo isso cobrindo a intelreza da altura do viaduto, bloqueando a visão do outro lado. Cabeças enfileiradas em cima e embaixo da grande cortina. Tirei uma foto e fui para casa.

Por muito tempo pensei que a arte tinha a função de trazer ordem ao caos. Organizar uma série de elementos e *dissipar* uma energia que, se não controlada, causaria um curto circuito, como um resistor.

Enxergo a rua como um grande circuito no estado anterior ao curto. Uma falsa organização composta de milhões de pequenas resistências em constante interação e *acúmulo* de energia. Esse circuito dança no fio do rastilho que acende toda a energia *acumulada*, *dissipando-se* para todos os lados na forma de uma explosão. Como num chiado de televisão, as imagens e os sons do mundo se agregam em uma forma caótica.

A rua também pode ser um palco onde o teatro da vida acontece. A troca de afetos, o dissenso, a construção e a destruição, não necessariamente nessa ordem. Tudo isso mediado por imagens. Imagens que se enxergam com os olhos, que se ouvem com o ouvido, e que se sentem com o nariz, a boca e a pele. Também as imagens de grande circulação de informações, da cultura e da publicidade. Finalmente, as imagens produzidas pela arte.

A imagem da cortina talvez seja uma boa para tentar rascunhar o papel da arte na rua. A cortina vela o que ocorre no palco, esconde o que se passa por trás dela, e finge organizar e mediar o que está fora e dentro do espaço de atuação possível. Mas também vela a cortina como uma grande incógnita que *acumula* toda a energia que se produz dentro do palco e fora dele. Ela represa as energias até o momento em que cai, o rastilho é aceso e o curto ocorre. O que vem após isso eu não saberia palpar. A cortina é esse constante estado de uma possibilidade de algo além.

Cresci com a ideia de que a pintura é um fazer de organização de elementos em um plano pictórico. Formar uma composição a partir dessa atividade que lida com uma infinidade de materiais. Penso que de fato a pintura seja isso, mas é justamente nessa condição enquanto farsa que ela organiza e *acumula* o caos, e não o *dissipa*. Para mim, a pintura está neste lugar, como uma das coisas que podem acender o rastilho e causar um curto.

Jean-Paul Marat foi uma liderança política jacobina da revolução francesa. Em 13 de julho de 1793, foi morto por uma militante girondina em sua casa.

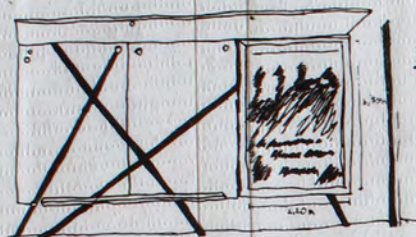
Jacques Louis David foi um pintor e militante político da seção do Museu do Louvre do partido jacobino. À pedido da convenção, pintou, entre os meses de agosto e outubro do mesmo ano, duas pinturas. A primeira do próprio Marat, intitulada "Marat em seu último suspiro" (hoje, "Marat assassinado"); a segunda de Michel Le Peletier, político francês assassinado no começo do mesmo ano por um monarquista (hoje, a pintura não existe mais).

Maria Antonieta foi rainha da França entre os anos de 1774 e 1792, esposa de Luis XVI. Na manhã do dia 16 de outubro de 1793 (25 vendemiário Ano Dols no calendário revolucionário), foi executada na guilhotina em praça pública.

No mesmo dia, horas depois, uma segunda cerimônia tomou conta das ruas de Paris: um cortejo fúnebre para os "dois mártires da revolução e da liberdade", Marat e Le Peletier. As duas pinturas - de 1,20 x 1,68 m - foram expostas publicamente pela primeira vez percorrendo o cortejo nas ruas da capital francesa. Liderando a manifestação, fileiras enormes de tambores e carabineiros, em frente a uma milícia armada; em seguida, populares com estandartes, as corporações de ofício, um destacamento militar com bandeiras e mais tambores; os bustos de Marat e Le Peletier separaram o primeiro grupo do segundo, composto de membras do partido carregando flores. No pátio central do Louvre, ponto final do cortejo, foram construídos sarcófagos sobre os quais as duas pinturas foram colocadas depois de percorrermos seus caminhos nas ruas. Os sans-culottes também estavam lá para compor o movimento.¹

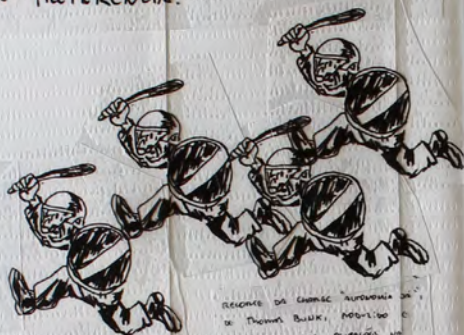


COMO PEGAR UM PÔSTER DE PONTO DE ÔNIBUS



1. ESCOLHA UM PONTO DE ÔNIBUS DE SUA PREFERÊNCIA.

2. CERTIFIQUE-SE QUE NÃO HÁ AGENTES DE REPRESSÃO DO ESTADO POLÍCIA PERD. OU ALGUM GUARDA DA RUA.



REPRODUÇÃO DA CENÁRIO "NACIONAL DA" DE THOMAS BULLER, MODIFICADO E SUBSTITUÍDO POR AGENTES DA POLÍCIA EM 2007



3. O PÔSTER ESTÁ DENTRO DE UM "TOTE" DE METAL, COM PORTA DE VIDRO O "PROTEGE". O PRINCÍPIO DE ABERTURA É SIMPLES: AS DOBRADIÇAS DA PORTA ESTÃO NO LADO SUPERIOR, LOGO O MOVIMENTO DE ABERTURA DA PORTA É DE "BAIXO PARA CIMA".

4. ENFIE AS MÃOS NA JUNCÃO DO TOTE COM A PORTA DE VIDRO. OS DEDOS, COMO VMS GARRAS, DEVEM ESTAR DENTRO DO VÃO DA JUNCÃO.



5. PUXE COM FORÇA PARA O SENTIDO DE ABERTURA DA PORTA. ALGUNS NECESSITAM DE MAIS FORÇA DO QUE OUTROS. NÃO TENHA MEDO DE QUEBRAR.

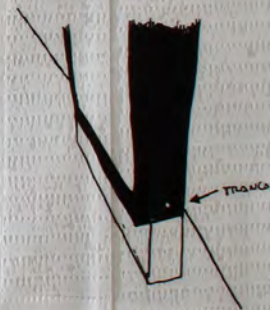
6. O PÔSTER ESTÁ FIXADO NO TOTE PELA PARTE DE CIMA. PARA RETIRÁ-LO, PUXE A IMPRESSÃO PELA BORDA INTERNA, PARA BAIXO.



7. ENROLLE O PÔSTER, FECHUE A PORTA DE VIDRO (SE QUISER), E VÁ ENCONTRAR NATURALMENTE.

OBS: ALGUNS TOTES POSSUEM UM SISTEMA NO QUAL AS PORTAS DE VIDRO ESTÃO TRANCADAS POR MEIO DE UM TRINCO QUE A ESTRUTURA DA PORTA AO TOTE.

OBS 2: PARA ABRIR, USE UM CHAVE PHILLIPS OU DE FENDA, UMA CHAVE TIPO "T" OU UM CABO FINO DE METAL, ENFIANDO DENTRO DA ENTALHA NA TRINCA, FORçando A ABERTURA. A MELHOR FERRAMENTA É A CHAVE "T" PARA MONTAGEM DE SKATE

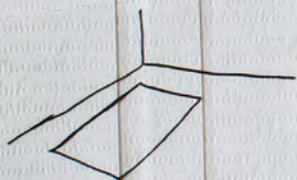
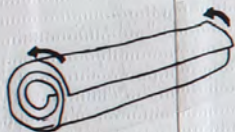


OBS 3: SE VOCÊ FOR PEGO POR UM GCM OU FISCALIZAÇÃO CET/SPTRANS, FALE QUE VOCÊ É ESTUDANTE DE ARTES E NOME DO BAIANO. AS CHANCES DE VOCÊ SER LIBERADO SÃO ALTAS.

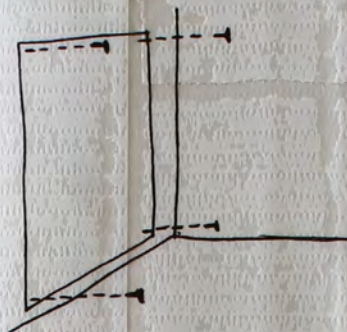
OBS 4: SE ESTIVER DE BICICLETA, NÃO TENHA FUBIN (ISSO SÓ VAI COMPLICAR AS COISAS)

COMO PREPARAR O PÔSTER PARA PINTURA

1. UMA VEZ QUE O PÔSTER ESTIVER EM MÃOS, ENROLA-O NO SENTIDO OPOSTO PARA DEIXÁ-LO RETO EM RELAÇÃO À SUPERFÍCIE DO CHÃO, OU DE UMA MESA.



2. PEGUE UMA FITA GROSSA (DE PREFERÊNCIA UMA "SILVER TAPE" OU FITA DE SINALIZAÇÃO), E CUBRA AS LATERAIS DO PÔSTER COM ELA.



3. PARA FIXAR O PÔSTER NUMA PAREDE, FIXE UM PREGO EM UM VÉRTICE DO PÔSTER, NO VERSO DE ONDE AS FITAS ESTÃO COLADAS (ESSA AJUSTAR NA RESISTÊNCIA DO PAPEL EM RELAÇÃO À PAREDE E O PREGO).

OBS: CASO QUEIRA PARTIR DE UM FUNDO BRANCO PARA A PINTURA, USE A PROPORÇÃO DE 50/50 DE TINTA DE PAREDE COM TINTA ACRÍLICA, BRANCA.



OBS 2: PARA UMA COBERTURA "COMPLETA", SÃO NECESSÁRIAS DUAS "DEMAOS". PRECISARE ALTERNAR AS PINCELAÇÔES/COBERTURAS ENTRE UMA DEMAÔ HORIZONTAL, E OUTRA VERTICAL (TANTO FAZ A ORDEM). A TRAMA DAS LINHAS DE CADA DEMAÔ IRÃO SE COMPLEMENTAR.

"A arte está morta! E o fim da arte"

O que é que tem depois do fim da arte?

"Depois do fim" parece uma contradição.

"Depois" é o que vem após algo, ao menos linearmente. É o evento depois de um evento. O "fim", então, é o que media o "antes" e "depois". Daí que "A arte está morta" e "É o fim da arte" estão no presente.

O fim da arte acontece neste exato momento.

Um "fim" pode ser uma extremidade, um limite, uma queda, uma interrupção, uma finalidade, e/ou um propósito.

"Depois do fim da arte" é, então, o que ocorre após se chegar numa extremidade, num limite, numa queda e/ou numa interrupção da arte enquanto tal. Os fins dos fins da arte.

A arte tem um fim social - uma função? Parte-se do pressuposto de que sim

O que vem depois do fim da arte é uma possibilidade em aberto à investigação. Não tem forma, está em constante movimento e disputa. É o momento antes do reconhecimento e nomeação de algo, que já atesta sua morte enquanto possibilidade. Não há como antever, há como produzir o depois do fim da arte.

2017, Galeria Vermelho, São Paulo

AINDA NÃO



ARTE-POLÍTICA

TINTA DE PAREDE BRANCA

LONA PLÁSTICA



CARTAZ DE PONTO DE ÔNIBUS

UMA NOTÍCIA POR DIA

UMA PINTURA POR DIA



SACO DE LIXO INFLÁVEL

CARRINHO DE SUPERMERCADO

O ABAPORU É NOSSO!

MOVIMENTO
05 de Dezembro de 2018, Casa do Povo

25 de outubro de 1987

No dia 29 de outubro de 2018, Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil.

Algumas semanas depois, numa quinta-feira de manhã, na aula de "Pintura e cinema" no departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo,

Dora Longo Bahia - professora da disciplina - convidou os alunos e alunas

da turma para compor junto ao grupo de pesquisa Depois do fim da arte

uma ação para um evento organizado pela N-1 Edições, em parceria com

Vladimir Safatle, chamado "Organizar as lutas, implicar tudo". O evento,

como o próprio nome dá dicas, tinha a intenção de promover um encontro

entre os mais diversos coletivos e grupos que atuam politicamente em São

Paulo e no Brasil, para debate e mobilização de frentes de luta.

Marcamos uma reunião no ACEPUSP e elaboramos uma série de propostas práticas na dinâmica do evento: a produção de caixas de fósforo

"comemorativas" do dia em que Bolsonaro tentou explodir um quartel por aumento salarial, um inflável grande de mina marinha, e uma pintura/colagem

coletiva em cartazes publicitários ao longo das falas no evento.

Compramos cerca de 250 caixas de fósforos e desenvolvemos identidades visuais simples no formato das caixas; de um lado, escrito "Movimento 25 de outubro de 1987", e do outro, a estrofe "O quartel pegou fogo, A polícia deu sinal, Acode, acode, acode a bandeira nacional" da canção infantil "Marcha Soldado Cabeça de Papel". O plano era distribuir as caixas entre os participantes do evento.

O inflável em forma de mina marinha foi desenvolvido por Frederico Ravioli, membro do Depois do fim da arte, a partir de lona plástica preta. O trabalho é inflado a partir da ativação de alguns ventiladores domésticos ligados em série, acoplados na estrutura de lona. Durante o evento, o inflável seria inflado e esvaziado periodicamente, como um ser vivo.

Coletamos cerca de uma dúzia de cartazes publicitários de pontos de ônibus da cidade para compor a pintura coletiva. Algumas serviriam de suporte para a pintura, que seria desenvolvida a partir das imagens publicitárias, como num exercício de apropriação do material do cartaz e da imagem publicitária impressa. Os outros cartazes estariam disponíveis enquanto materiais para corte e colagem na composição da pintura.

Julho / Agosto de 2019 - Galeria Vermelho, São Paulo

CRÍPTA

INVISÍVEL
MERCADORIA

LACUNA

AUSÊNCIA

FANTASMA

ESCRAVO

MÁSCARA

REFLEXO

CRISE

GÊMEOS

PATOLOGIA

HUMOR

IMAGEM

INOPEROSIDADE
ATRAVESSAMENTO

UNHEIMLICH

INCONTROLÁVEL

PASSAGEM

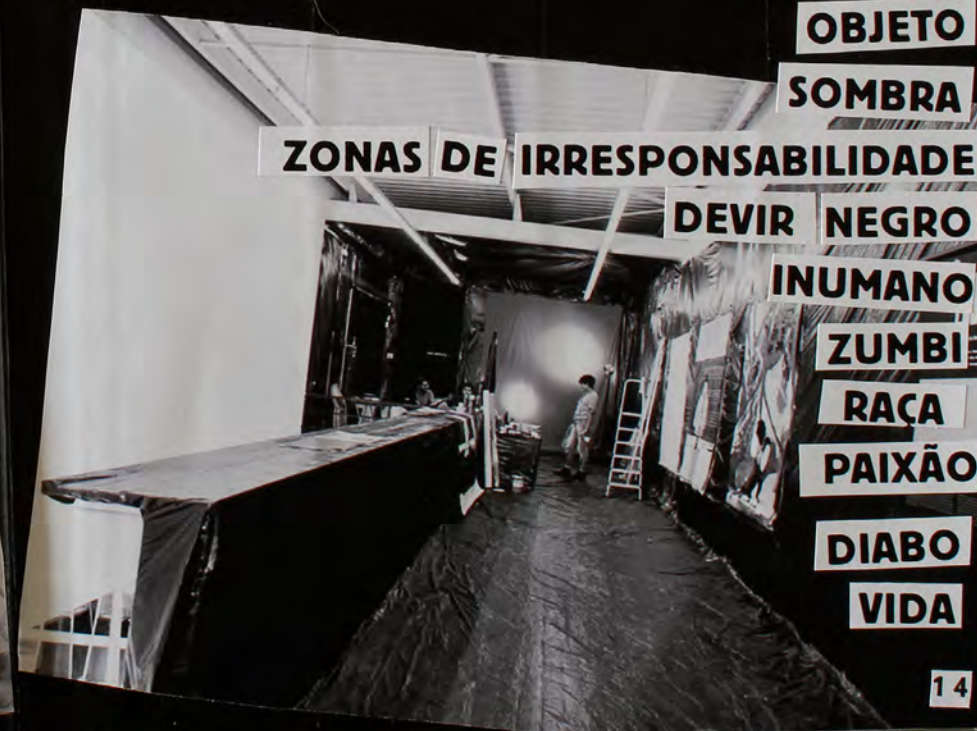
HOMEM- MERCADORIA

CAPITAL

DELÍRIO

HOMEM- DINHEIRO

Na galeria Vermelho
serão recrutados os das onze horas da manhã
as cinco da tarde
para o teatro Gripe
O grande teatro da Gripe lhes chama!
Ele chama apenas uma vez e só he je
quem arder a oportunidade de arder sempre!
quem pensar em vir, nos pertence!
todos são bem vindos!
quem quiser tornar-se artista presente se!
nos somos o teatro que pode utilizar
cada um de vocês, cada um seu lugar!
mas, depressa se para se matar!
antes das cinco da tarde! tudo estará fechado!
as cinco da tarde tudo estará fechado!
não se arriar mais!! maldito seja quem não
criar em nós! e até a CRÍPTA!
se bem serve!! Os ebr e JA



CRÍTICA
FORMA

SOFRIMENTO

CONTATO

NEGATIVO

RAZÃO NEGRA

BRUXA

NAO-LUGAR

DUPLO

BANDO

FICÇÃO

SIMULACRO

OBJETO

SOMBRA

ZONAS DE IRRESPONSABILIDADE

DEVIR NEGRO

INUMANO

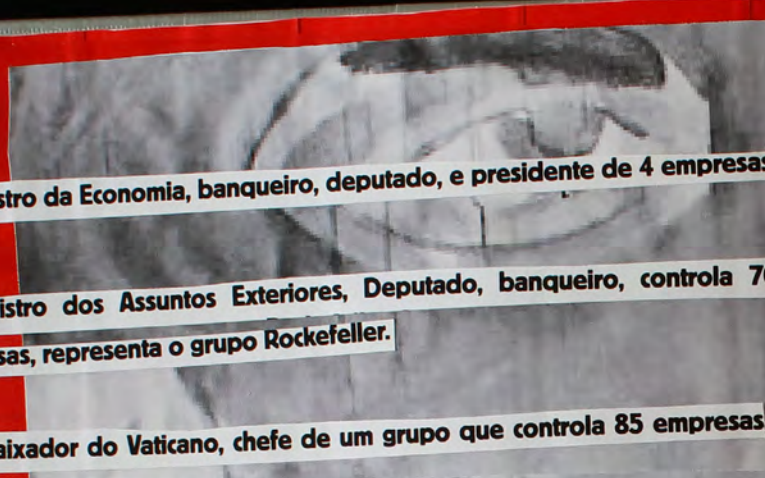
ZUMBI

RACA

PAIXÃO

DIABO

VIDA



O Ministro da Economia, banqueiro, deputado, e presidente de 4 empresas.

O Ministro dos Assuntos Exteriores, Deputado, banqueiro, controla 70 empresas, representa o grupo Rockefeller.

O embaixador do Vaticano, chefe de um grupo que controla 85 empresas

Ministro, proprietário de dois jornais.

Antigo Ministro, Deputado, dois bancos, 6 empresas, duas delas americanas.

O clã Herbert, banqueiros, controlam 300.000 hectares, 7 empresas

Um Deputado, um ministro e um antigo ministro.

Mais banqueiros.

Mais industriais que foram ministros.

Ministros que são banqueiros e industriais.

Os banqueiros e industriais que serão ministros.

E, finalmente, o Ministro do Interior; o único que não é banqueiro ou rico e cuja tarefa é defender os ricos e os banqueiros.

É a história de um cara que cai de um prédio de 50 andares.

Ele, durante a sua queda, repete para si mesmo, como para se confortar:

"Até aqui, está tudo bem".

"Até aqui, está tudo bem".

"Até aqui, está tudo bem".

Mas o importante não é a queda, é a aterrissagem.

Quente. Gelado. Gelado. Quente.

Quente. Gelado. Quente. Muito quente.

O que você acha? Você acha que eles tem alguma chance?

Você está do lado deles, não é? Em quem você está apostando, ein?

Você acha que já é o suficiente? Quer dizer, vocês querem um final de verdade, não querem?

Com um desenrolar plausível da trama, certo?

15 DE MAIO DE 2019 - TSUNAMI DA EDUCAÇÃO - SÃO PAULO

Poucos meses após a posse do Bozo na presidência, o Ministério da Educação, em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia, anunciou o congelamento de 30% das verbas anuais destinadas às universidades federais e institutos federais, além de cortes no ensino básico.

A UNE, a UBES e os diversos sindicatos educacionais no país chamaram, então, atos espalhados pelo país para os dias 15 e 30 de maio, e 14 de junho. Essa onda de manifestações contra as políticas de ataque à educação foi chamada então de "Tsunami da Educação".

Nós, do departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo (CAP), querendo compor com o ato do dia 15 de maio, estendemos uma faixa de lona plástica preta no ateliê de pintura do departamento (C9). Escrevemos a frase "CORTA SANGRA" de tinta de parede branca ao longo de toda a extensão da faixa, com a pintura de um livro sendo esfaqueado separando as palavras.

BALBÚRDIA É CORTAR DINHEIRO DA EDUCAÇÃO

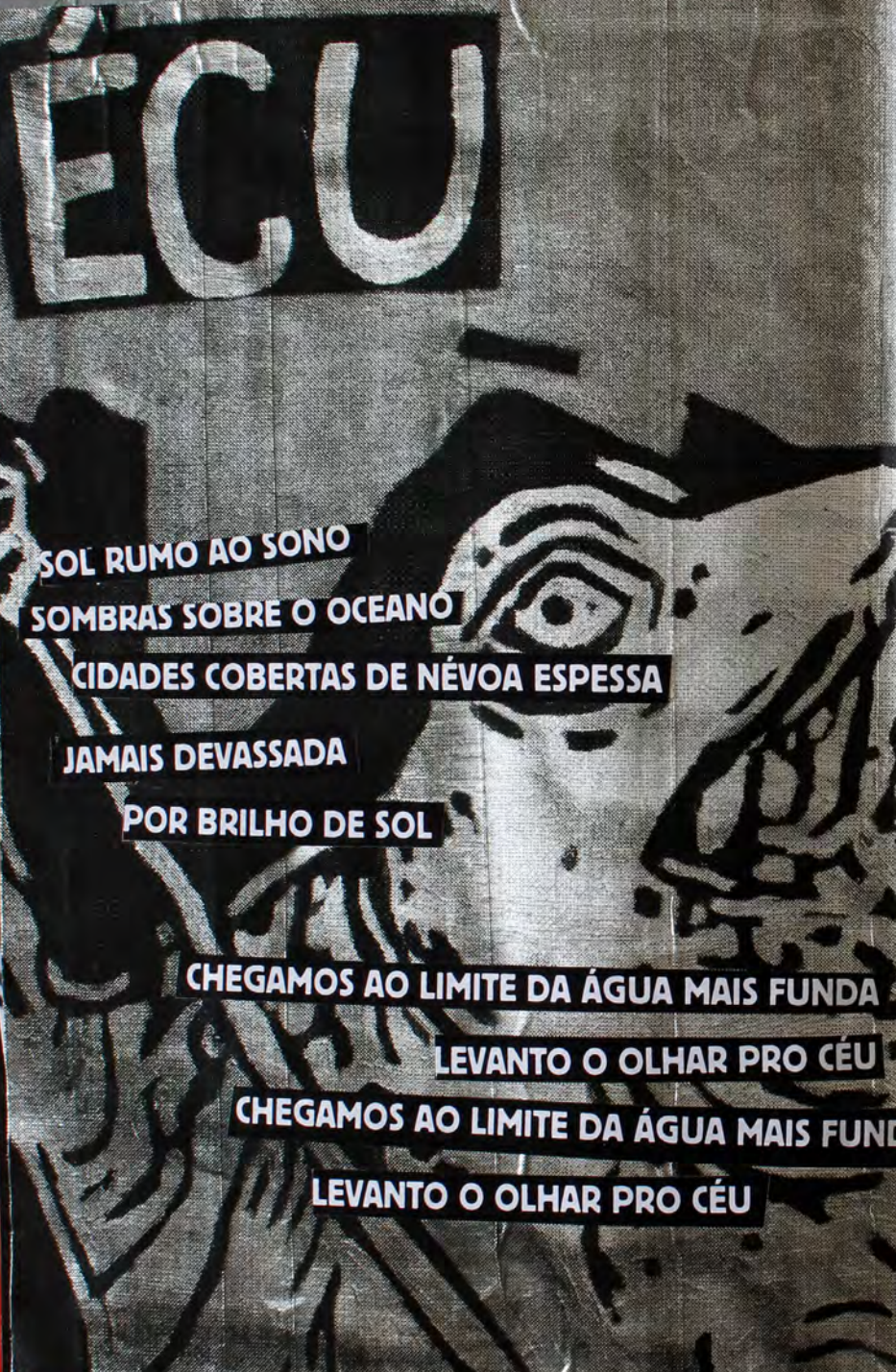
NÃO É MOLE NÃO,

TEM DINHEIRO PRA MILÍCIA MAS NÃO PRA EDUCAÇÃO

TIRA A TESOURA DA MÃO!
TIRA A TESOURA DA MÃO E INVESTE NA EDUCAÇÃO

Abrimos a faixa na Av. Faria Lima, onde o ato estava concentrado, e levamos ela ao longo de todo o percurso até a Av. Paulista, em frente ao MASP, pela Av. Rebouças. No meio do caminho, no túnel que dá acesso da Paulista para a Av. Dr. Arnaldo, perto da praça do ciclista, estendemos a faixa no parapeito do acesso e fomos embora para acompanhar o ato. Ao fim da manifestação, provavelmente algum agente do Estado - ou algum manifestante - pegou a faixa, ou - ainda que improvável - ela caiu no acesso ao túnel.

ÉCU



SOL RUMO AO SONO

SOMBRAS SOBRE O OCEANO

CIDADES COBERTAS DE NÉVOA ESPESSA

JAMAIS DEVISSADA

POR BRILHO DE SOL

CHEGAMOS AO LIMITE DA ÁGUA MAIS FUNDA

LEVANTO O OLHAR PRO CÉU

CHEGAMOS AO LIMITE DA ÁGUA MAIS FUNDA

LEVANTO O OLHAR PRO CÉU

TREVAS

TREVAS

TREVA A MAIS NEGRA SOBRE HOMENS TRISTES

TREVAS

TREVAS

TREVA A MAIS NEGRA SOBRE HOMENS TRISTES

ME CALO

02 DE OUTUBRO DE 2019 - GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO - SÃO PAULO

"Future-se" foi um programa "apresentado" pelo Ministério da Educação no primeiro ano de governo Bolsonaro. "Apresentado", com aspas, pela falta de diálogo e discussão das diretrizes do projeto com entidades docentes, discentes e sindicatos ligados às universidades e institutos federais.

De maneira "inédita", o projeto imposto previa, sob o pretexto de "aumentar a captação de recursos" nas universidades e institutos federais, desresponsabilizar o Estado da manutenção das instituições de ensino, e abrir caminho para a entrada do capital privado nestes espaços. O programa, então, tornou-se popularmente conhecido como

FATURA-SE!

FATURA-SE!

FATURA-SE!

FATURA-SE!

Vários atos foram chamados por todo o Brasil para os dias 02 e 03 de outubro, compondo um grande movimento de "Greve Nacional da Educação". Piquetes, manifestações e atividades de greve fora das instituições de ensino.

Para a manifestação do dia 03, na Avenida Paulista, estendemos uma lona plástica de 4 x 30 m de lona plástica azul no jardim do prédio. Escrevemos a frase "ARTE ANTICOLAPSO" com tinta de parede branca ao longo de toda sua extensão. Nas extremidades, pintamos bombas redondas com o pavio aceso. Naquele fim de tarde, levamos a faixa para a Paulista, e a abrimos no meio da manifestação, para compor o ato

ESTUDANTE ORGANIZADO,
PERIGO PRO ESTADO

A RUA ENSINA

BOLSONARO SEU JUMENTO
EDUCAÇÃO E INVESTIMENTO

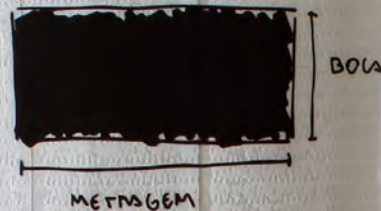
Pouco antes do término do percurso, prendemos a faixa no parapeito da entrada do túnel em direção à Avenida Dr. Arnaldo e deixamos a faixa lá e fomos embora.

COMO FAZER UMA FAIXA A PARTIR DE LONA PLÁSTICA

1. COMPRE LONA PLÁSTICA EM LOJAS DE CONSTRUÇÃO. ESCOLHA A LONA (A DEPENDER DA LOJA), E COMPRE A METRAGEM DESEJADA

OBS: A LONA PODE VARIAR COM A LOJA AS OPÇÕES MAIS COMUNS SÃO DE 1m, 2m e 4m.

COMPRE UM GROSSOR CONSIDERÁVEL, QUANTO MAIS GROSSA, MAIS RESISTENTE.



2. ESTENDA A FAIXA NUMA SUPERFÍCIE LISA.

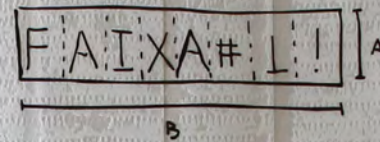
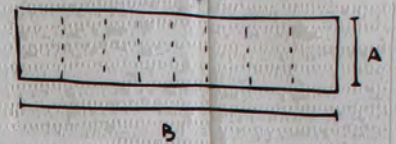
OBS: SE A FAIXA FOR MUITO GRANDE, ENROLA OU DOBRE-A ATÉ COBERTO NO ESPAÇO E A PINTAR EM PORTES.

3. TIRE AS MEDIDAS DA FAIXA, COMO POR EXEMPLO $A \times B$



4. SE QUISER, FAÇA UM ESBOÇO DO DESENHO COM ESCALA. POR EXEMPLO, SE $A = 1m$ E $B = 10m$, ENTÃO FAÇA UM DESENHO DE $A' = 5cm$ E $B' = 50cm$. ESQUADRIÑHE, EM ESCALA, CADA MEMBRO

5. UMA VEZ QUE O ESBOÇO ESTIVER PRONTO, ESQUADRIÑHE A FAIXA COM GIZ "DE LOUSA", USANDO UM TIREM PARA AS MEDIDAS.
OBS: NÃO PRECISA SER EXATO, ISSO É PARA AUXILIAR NA HORA DE TRANSPORTAR O DESENHO



6. COM GIZ, TRANSPONHA O DESENHO DO ESBOÇO PARA FAIXA.

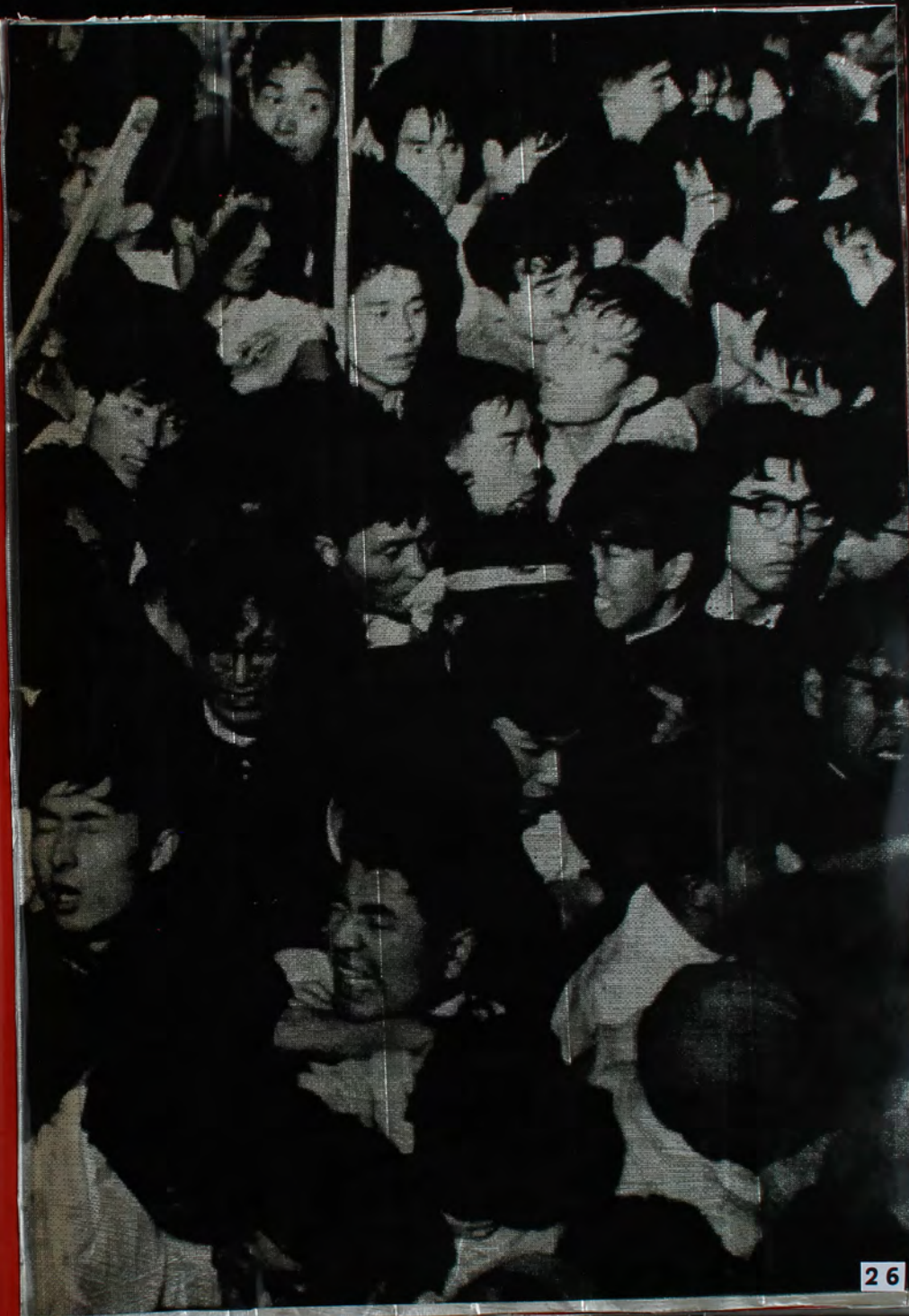
7. PINTAR A FAIXA.

OBS: PARA NÃO "CRAQUEAR", FORNE A ÁREA QUE SERÁ PINTADA COM FITA CREPE. ELA DÁ UMA ADERÊNCIA PARA A TINTA FIXAR MELHOR.



8. IMPORTANTE!

QUANDO A PINTURA SECAR, FAÇA PEQUENOS FURROS A LONGO DE TODA A FAIXA. OS FURROS NÃO PERMITIRÃO QUE O AR PASSE PELA FAIXA, EVITANDO O "EFEITO PAPA-QUEIJO" DE RESISTÊNCIA DO AR.



14 de Junho - "TSUNAMI PELA EDUCAÇÃO" - São Paulo

PELAS NOSSAS CONTAS

PELO NOSSO TOQUE

NOSSO FIO DESENCAPOU

E VOCÊ NÃO ESCAPA DO CHOQUE

COM A NOSSA RAPA VOCÊ NÃO É CAPAZ

COM A NOSSA RAPA VOCÊ NÃO É CAPAZ

NÓS ESTAMOS ALÉM DESSE MAPA

NÃO CABEMOS NA TUA AMPULHETA

NÃO VESTIMOS TAMPOUCO ESTA ROUPA

NOSSA RAPA É MUITA TRETA

NÃO NOS DAMOS COM TEUS DEMÔNIOS

DECAPITAMOS O TEU CAPETA

DECAPITAREMOS O TEU CAPITÃO

DECAPITAREMOS O TEU CAPA PRETA

DECAPITAREMOS O TEU CAPATAZ

DA CAPOEIRA VOCÊ NÃO ESCAPA

NÓS TE APAGAREMOS SOB A LUZ DO SOL

NÓS NOS ESPELHAMOS NO PRATA DA LUA

DESBICAREMOS PASSANDO CEROL

E A LUTA CONTINUA

COM A NOSSA RAPA VOCÊ NÃO É CAPAZ



EXERCÍCIO DE PINTURA: DE POLÊMICA A MISTÉRIO!

VANDALISMO OU DISCÓRDIA? CARTAZ DE INTERVENÇÃO SOBRE TRABALHO DE PINTURA DO CAP É RASGADO. ENTREVISTAS INÉDITAS!

Na passagem entre o Instituto de Psicologia e a Escola de Comunicações e Artes há um muro rente ao prédio do departamento de Artes Plásticas (CAP), sempre pintado. Muitos não sabem, mas os desenhos resultam de um trabalho coletivo do curso de Artes Plásticas que, neste semestre, gerou polêmica; pela polêmica, o muro foi encoberto por um cartaz; agora, o cartaz foi rasgado.

Desde o início do ano o muro, até então pouco notado, virou motivo de curiosidade para muitos transeuntes porque tinha um desenho singular: personagens infantis. O desenho do muro lembra memes que se notabilizaram na internet mostrando personagens deformados da Turma da Mônica em muros de escolas públicas das redes estadual e municipal de ensino.



"Por que agora estão prestando atenção no muro? Ninguém prestou atenção quando era uma pintura de sala de aula", uma aluna entrevistada indaga quando perguntada sobre o muro. Para preservar sua identidade, a entrevistada será identificada como Magali.

Redação (R): Você pode nos contar mais sobre a proposta do muro? Ela vem de uma disciplina da graduação, certo?

Magali (M): Pois é, é uma disciplina que se chama "Pintura e espaço público". Era obrigatória no currículo de pintura, que recentemente foi extinto para a incorporação de um novo currículo - eu mesma fiz essa disciplina como obrigatória e depois descobri que não me servia de nada (rindo). Da disciplina mesmo, estudamos um pouco sobre "arte pública", mas num recorte que eu acho estranho.

Lemos muito sobre muralismo estadunidense e pouquíssimo sobre o mexicano, o que não faz muito sentido para mim - o contexto norte-americano pós crise de 29 parece muito mais distante do que as produções muralistas latino americanas. É que parece que as discussões pararam no tempo. Na aula, não se debate manifestações artísticas pensando pintura e espaço público depois dos anos 40 e 50, imagina hoje. Por que não estudar os bandeirões de torcidas organizadas, escolas de samba, manifestações políticas, pinturas nos contêineres/lonas de caminhão?

R: Como a dinâmica da aula se dá?

M: Bom, depois das discussões rápidas, somos provocados a fazer uma série de esboços do projeto coletivo de pintura do muro. Eu só não entendi porque o esboço deveria ser feito em encáustica; digo, uma técnica super complicada, cara e formalmente muito diferente de uma pintura em mural, que geralmente é afresco. Passamos semanas fazendo os esboços, até que cada aluno mostra uns dois e colocamos os esboços para votação, super "democrático". Eu fiz dois esboços bem ruins porque odeio encáustica - é uma técnica chata de executar -, então não tinha muitas aspirações do meu esboço ser escolhido. Sinceramente, estava me lixando para a disciplina, então quando o desenho da Mônica foi votado, eu fiquei até que feliz porque pelo menos era uma coisa engraçada, meu zueiro. Como se a diferença entre uma universidade pública e uma escola pública do Estado não fosse tão diferente assim; ou uma provocação de que os alunos do departamento se comportam tipo crianças de escola básica (rindo).



"Esse desenho é um absurdo, é tipo uma cusparada na cara de quem trampa e estuda no departamento", conta um entrevistado, que será identificado como Chico.

Chico (Q): Porra, 2019 e Bolsonaro na presidência. Tem esse muro que é meio "elefante branco" aqui - e, sinceramente, eu adoraria fazer um trabalho em que a gente destruísse esse muro, mas isso é outra coisa. É um muro, é uma separação tosca de um espaço "privado" de um espaço "público". É super estranho, porque o muro não "protege" nada, só um canteiro lateral do prédio do CAP. Para mim ele é bem opressivo nesse sentido arquitetônico e de circulação. E daí me vem desenhar uns personagens toscos como se aqui fosse uma escolinha, nada a ver! Por outro lado, o muro é um baita espaço para nos manifestarmos enquanto departamento de artes numa universidade pública, nesse governo fascista de merda; daí o pessoal faz uma brincadeira meio niilista e cínica - odeio niilistas.

R: Então você apoia a intervenção?

C: Sim. Gostei que eles pegaram a escala do muro e trouxeram a pintura para essa escala. Não tenho certeza, mas dizem que é na verdade uma gravura de uma pintura toda rasgada do Manet, "O fuzilamento de Maximiliano", algo assim. Interessante pegar o muro dessa perspectiva enquanto um "paredão", essa imagem que é muito associada aos regimes totalitários, no fuzilamento e etc. Lembro de imagens que têm isso muito marcado; aquela pintura do Goya, a fotografia do curta do Godard, em filmes de guerra. Trazer essa ideia do muro enquanto opressão além da arquitetura, enquanto arquitetura que limita circulação e empareda quem está para ser fuzilado. Mas ainda sou adepto a colocar esse muro para baixo (rindo).

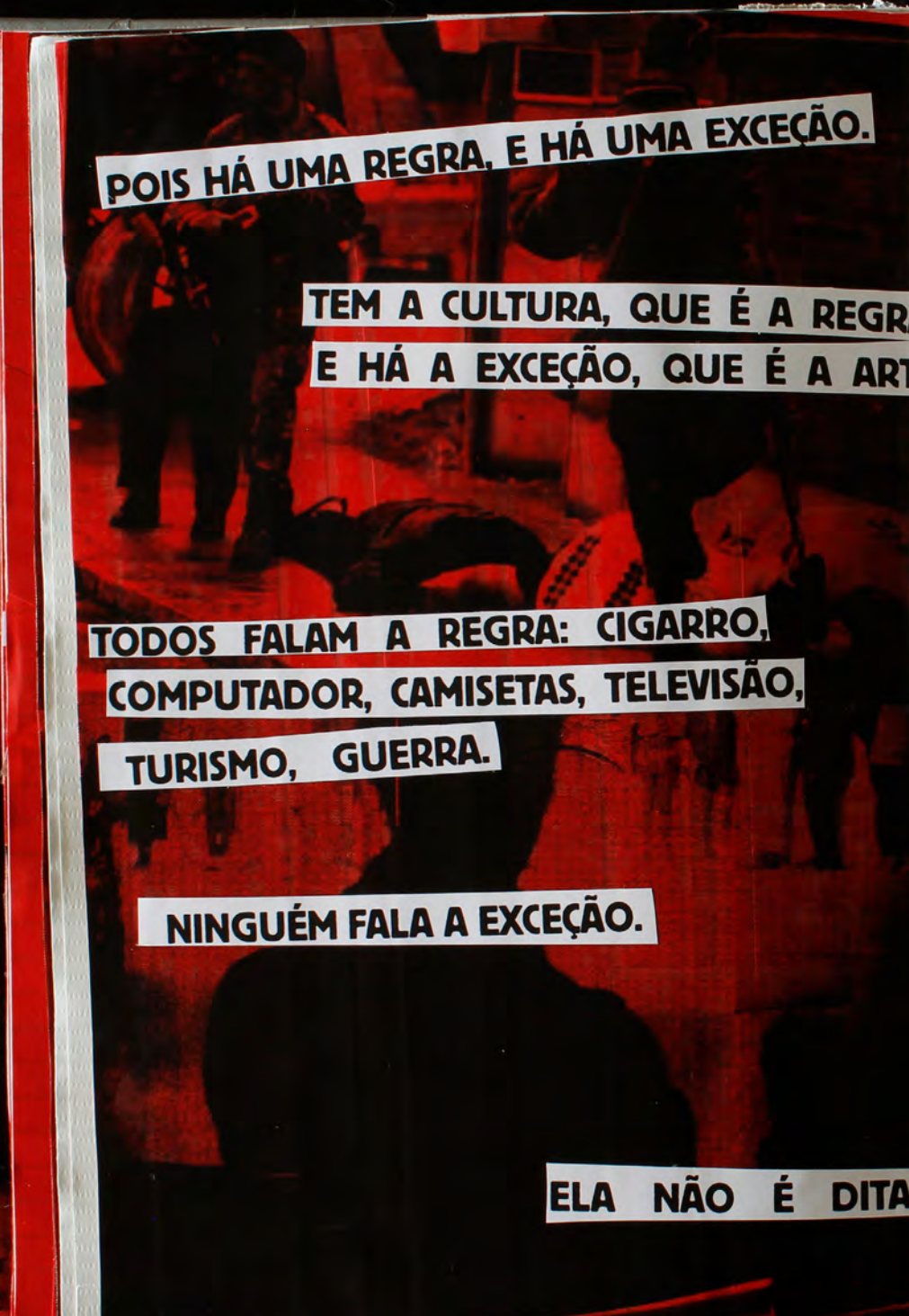


R: Como você vê essa resposta à intervenção? Rasgarem ela, digo.

C: Do mesmo jeito que a pintura da Mônica estava "num espaço público", ou seja, aberta à intervenção de quem quiser - por estar nesse espaço que não é tão guardado -, a intervenção também está sujeita a isso. Acho que essa dinâmica deu uma vida para o muro pois, francamente, ele estava morto. "Vamos discutir pintura e espaço público, mas ninguém mexe na pintura do muro escolhida dentro de uma disciplina que tem a palavra final de figuras de autoridade dentro da política do CAP", anula tudo. Acho que quem rasgou a intervenção estava bem puto e tinha muito essa ideia torta na cabeça. Mas enfim, é "do jogo". A discussão está na boca do povo no departamento, e isso é bem valioso por si só. Se eu fosse o pessoal que colocou o lambe, agora eu pintaria em cima do afresco mesmo. Não dá para rasgar (rindo).

Enquanto ainda se discutia a polêmica escolha de pintura do muro, da colagem intervenção, e a retirada do cartaz de maneira violenta, alguns dias após as entrevistas concedidas, uma nova intervenção - desta vez em pintura - surgiu no muro. Resta saber se essa é a última intervenção de uma série, ou o começo de um ciclo sem fim.





POIS HÁ UMA REGRA, E HÁ UMA EXCEÇÃO.

TEM A CULTURA, QUE É A REGRA.
E HÁ A EXCEÇÃO, QUE É A ARTE.

TODOS FALAM A REGRA: CIGARRO,
COMPUTADOR, CAMISETAS, TELEVISÃO,
TURISMO, GUERRA.

NINGUÉM FALA A EXCEÇÃO.

ELA NÃO É DITA,

É ESCRITA: FLAUBERT, DOSTOIEVSKY.

É COMPOSTA: GERSHWIN, MOZART.

É PINTADA: CÉZANNE, VERMEER.

É FILMADA: ANTONIONI, VIGO.

OU É VIVIDA, E SE TORNA A ARTE DE VIVER:
SREBRENICA, MOSTAR, SARAJEVO.

A REGRA QUER A MORTE DA EXCEÇÃO.
ENTÃO A REGRA PARA A EUROPA CULTURAL
É ORGANIZAR A MORTE DA ARTE DE VIVER
QUE AINDA FLORESCE.



O GRUPO DE AÇÃO É UMA ALIANÇA DE PESSOAS MOVIDAS POR UMA FORÇA SEM NOME PRÓPRIO, PORQUE É FEITA NO ACASO DO ENCONTRO DA NECESSIDADE. O GRUPO DE AÇÃO É UM PONTO DE CONEXÃO PARA PRODUZIR ALIANÇAS ENTRE MEMÓRIAS, IMAGINÁRIOS DE LUTA E AS FORÇAS ATIVAS DE (RE) EXISTÊNCIA GERADAS NA URGÊNCIA DOS NOSSOS TEMPOS. O ANONIMATO NÃO É SOMENTE DESPERSONALIZAÇÃO, MAS TAMBÉM SE REALIZA COMO FORÇA NO ENCONTRO E NA COLABORAÇÃO

HEGAI

FASCISMO
GENOCÍDIO

ANTIDESFILE

7 SETEMBRO 2020

16H30

VIADUTO STA-IFIGENIA

POR UMA OUTRA VIDA

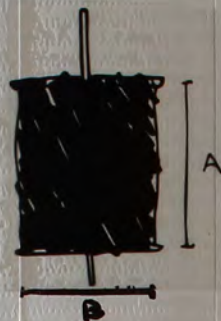
FORA
BOLSONARO

07 DE SETEMBRO DE 2020, Viaduto Santa Ifigênia, SAO PAULO

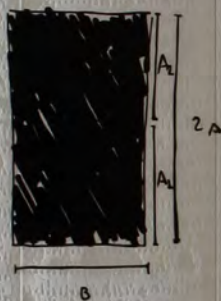
LUTA
OUTRA VIDA
ESTADO CIVIL DA

COMO FAZER UM ESTANDARTE A PARTIR DE LONA PLÁSTICA.

1. MEASURE THE MEASURES OF THE STAND THAT YOU WANT TO MAKE. FOR EXAMPLE, $A \times B$.

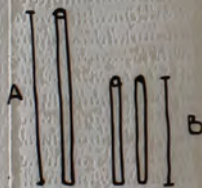


2. STRETCH THE PLASTIC LONA ON A SMOOTH SURFACE ABM-A WITH MEASURES $2A \times B$, LIKE INDICATED IN THE SCHEME (IF NECESSARY, REPEAT THE LONA).



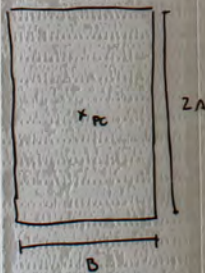
3. BUY OR MAKE THREE TUBES OF PVC. FOR THE TUBE NOT TO BEND, CHOOSE ONE WITH DIAMETER OF 30mm CONSIDERABLE (~4mm).

Obs: IT IS IMPORTANT THAT THE LENGTH OF ONE OF THE TUBES BE GREATER THAN THE MEASURE A, AND THE OTHER TWO GREATER THAN THE MEASURE B.

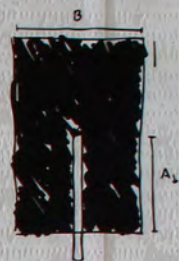
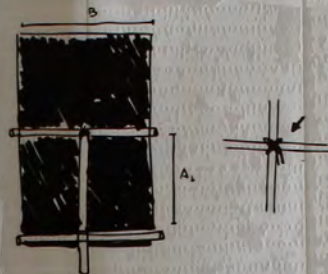


4. MAKE AN INCISION IN THE CENTRAL PART OF THE STRIP, LIKE IN THE SCHEME.

Obs: IT IS IMPORTANT THAT THE LENGTH OF ONE OF THE TUBES BE GREATER THAN THE MEASURE A, AND THE OTHER TWO GREATER THAN THE MEASURE B.



5. POSITION THE TUBE IN THE CENTER OF THE MEASURE B, PERFORMING THE MEASURE A_1 , ACCORDING TO THE SCHEME THAT FOLLOWS.



6. POSITION THE TWO SMALLER TUBES IN THE MEASURES B_1 AND B_2 . FILL THE TUBES WITH STRING, LIKE AN 'X' IN THE CORNER OF THE TUBES (SEE SCHEME).

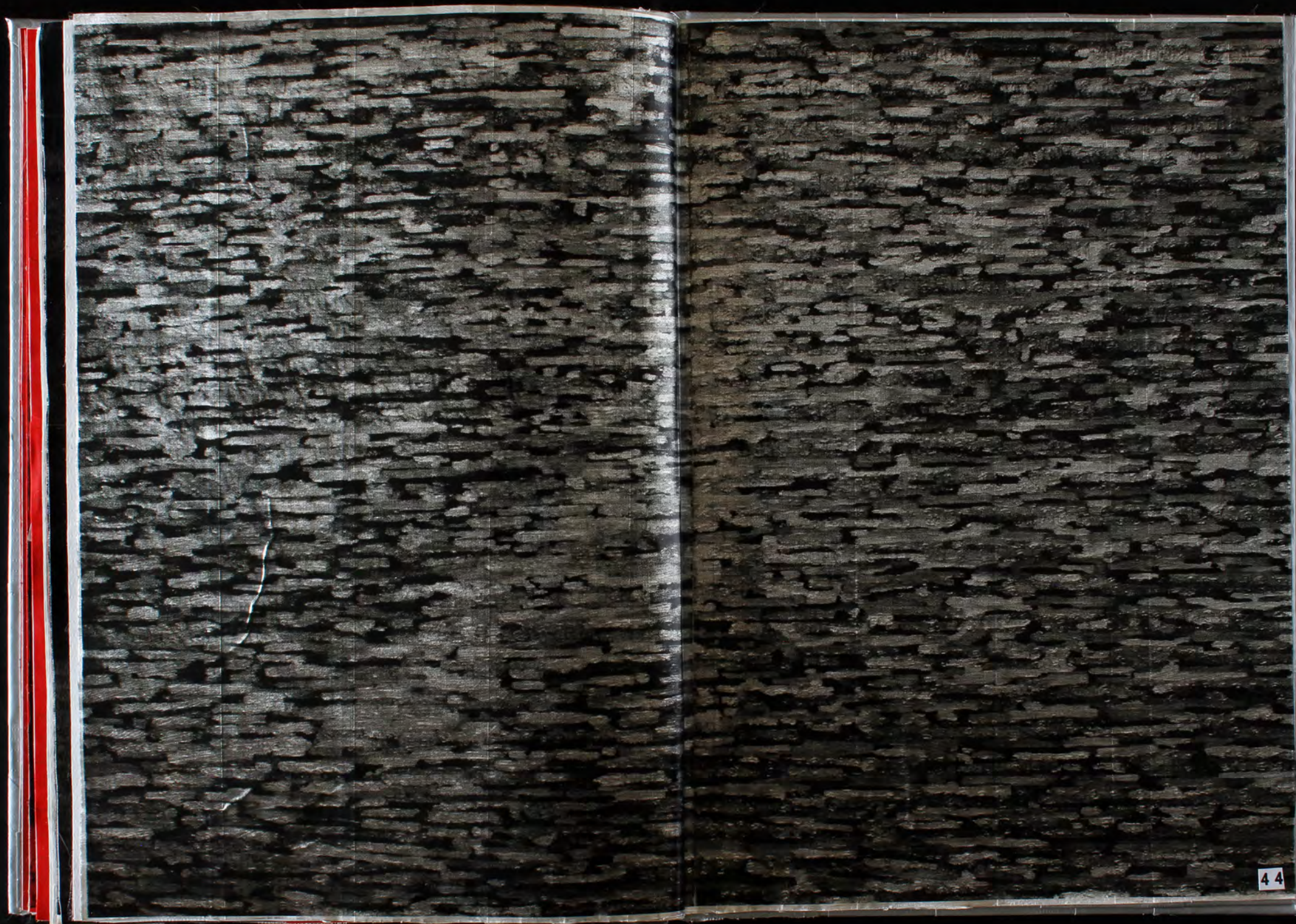
7. TAKE THE MEASURE A THAT REMAINS AND PASS IT THROUGH ONE OF THE STRUCTURES OF THE TUBES, SURROUNDING THEM.



8. TAKE AN ADHESIVE TAPE AND GLUE ALL THE SIDES OF THE LONA.

9. PASTE THE STAND. IF NECESSARY, REPEAT THE PROCEDURE OF THE 'STRIP OF LONA OF LIXO', FOR THE STAY AND ADHESION OF THE TAPE TO THE SUPPORT.

IMPORTANT!
WHEN THE PAINT DRIES, MAKE SMALL HOLES ALONG THE WHOLE STRIP. THE HOLES WILL ALLOW THE AIR TO PASS THROUGH THE STRIP, AVOIDING THE "WIND EFFECT" OF THE RESISTANCE OF THE AIR.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. O uso dos corpos [Homo sacer IV, 2]. Tradução de Salvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BUCK-MORSS, Susan. Hegel e o Haiti. Tradução de Sebastião Nasdimento. São Paulo: N-1 edições, 2017.
- CENTELHA, Coletivo. Ruptura. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- CLARK, T.J. A pintura no ano dois. In: Modernismos. Organizado por Sônia Salzstein, tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Nally, 2007.
- DANTO, Arthur C. O fim da arte. In: O descredenciamento filosófico da arte. Tradução de Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- FREUD, Sigmund. O familiar [das Unheimlich]. Edição Bilingue Comemorativa (1919-2019). Tradução de Romero Freitas, Emanuel Chaves e Pedro Heliodoro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Tradução de Sebastião Nasdimento. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- RANCÈRE, Jacques. Paradoxos da arte política. In: O espectador amandado. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ZIZEK, Slavoj. Violência: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serres Pereira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

- ÉTAT DE SIÈGE. Direção: Costa-Gravas. Produção: Regganne Films, Euro International Film Units, Dieter Geissler Filmproduktion. França, Itália e Alemanha: 1972.
- FUNNY GAMES. Direção: Michael Haneke. Produção: Veit Helduscha / Wege Film / Österreichischer Rundfunk. Distribuição: Madmen Entertainment / Concorde-Castle. Áustria: 1997.
- JE VOUS Salue, SARAJEVO. Direção: Jean-Luc Godard. Produção: Peripheria. França: 1993.
- LA HAINE. Direção: Mathieu Kassovitz. Produção: Christophe Rossignon. Distribuído por Canal+. França: 1995.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

- ALÁFIA. Salve Geral. In: Corrupção. São Paulo: YB Music, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nSGJ0vzBLA> Acesso em: 02 fev. 2023.
- MACALÉ, Jards. Trevas. São Paulo: Red Bull Studios / Natura Musical / Ministério da Cidadania, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z0c-gE_da7o Acesso em: 02 fev. 2023.

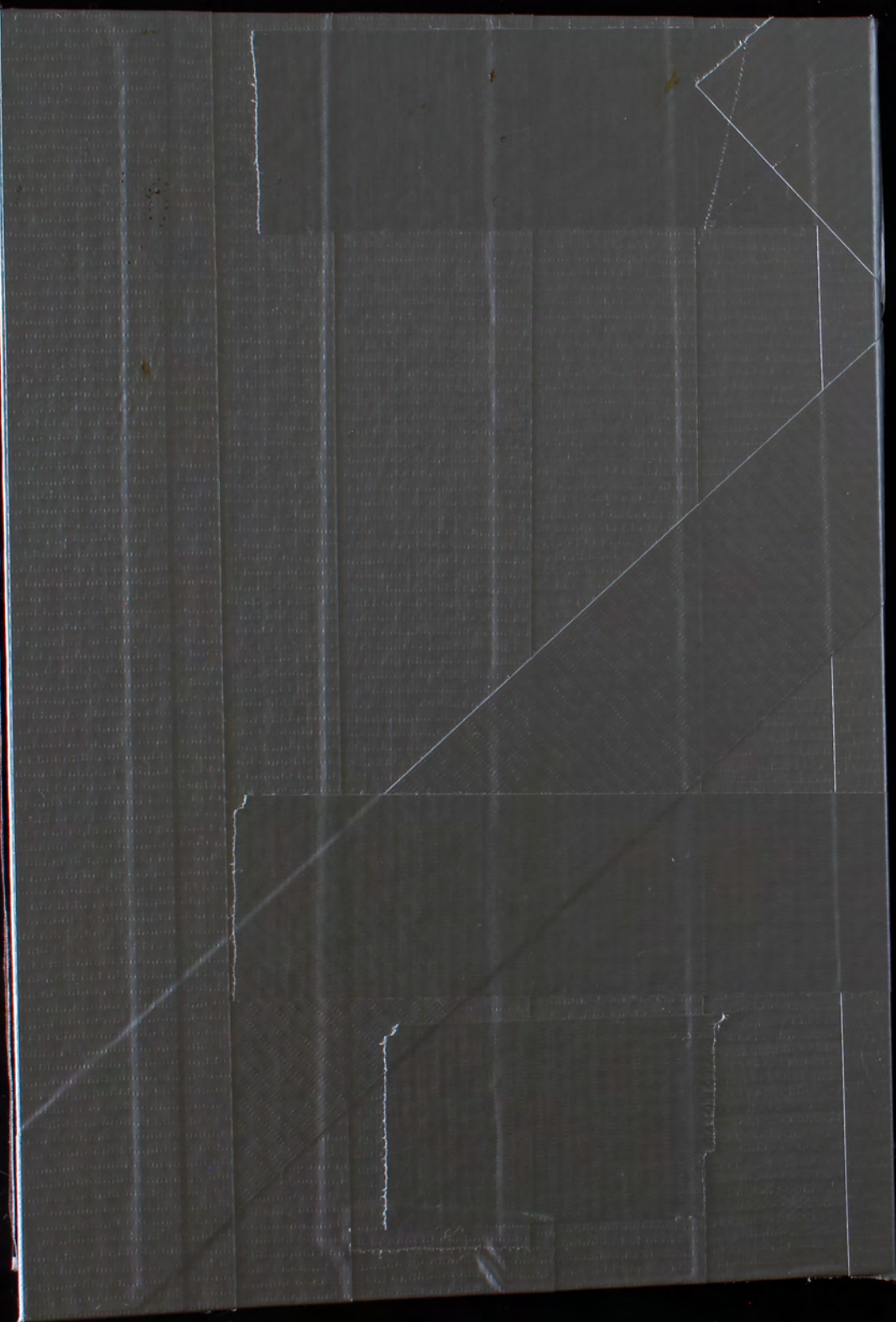
REFERÊNCIAS ONLINE

- BATISTA, João Gabriel. Exército de pintura: da polêmica a mistério. Jornal do Campus, Universidade de São Paulo. São Paulo: 29 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/10/exercido-de-pintura-de-polemica-e-misterio/>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- CAPITAL. Carta. Greve Nacional dos Estudantes é convocada para os dias 02 e 03 de outubro. Site da Carta Capital, Educação. São Paulo, 01 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/greve-nacional-dos-estudantes-e-convocada-para-os-dias-2-e-3-de-outubro/>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- DEPOIS DO FIM DA ARTE. Depois do fim da arte, 2019. Site do grupo de pesquisa Depois do fim da arte, vinculado ao Departamento de Artes Visuais da USP (CAP-USP) e ao CNPq. Disponível em: <https://depoisdofimdaarte.org/>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- DOWSEY, Stuart. Introdução do livro 'Zengakuren: Japan's revolutionary students'. Tradução de Fabiana Giblin e Alex Peguinelli. Sob Influência, 2020. Disponível em: <https://www.sobinfluencia.com/post/zengakuren>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- GRUPO DE AÇÃO. Grupo de ação, 2020. Perfil no Instagram do coletivo 'Grupo de ação'. Disponível em: <https://www.instagram.com/grupodeacao/>. Acesso em: 02 fev. 2023.
- UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. Dia Nacional de Defesa da Educação leva 1,5 milhão de pessoas nas ruas. Blog do portal virtual da UNE, União Nacional dos Estudantes. São Paulo: 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.une.org.br/noticias/dia-nacional-em-defesa-de-educacao-leva-15-milhao-de-pessoas-nas-ruas/>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- TAKAHARA, Kyohel. Zengakuren: O movimento estudantil no Japão. Glace Edições, 2020. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/zengakuren-o-movimento-estudantil-no-japao-kyohel-takahara>. Acesso em: 02 fev. 2023.



PARA ACESSAR OS ANEXOS DO ZINE, SCANEIE O QR CODE, OU ACESSE:

https://drive.google.com/drive/folders/1RjB9vTt7qVD_hk7ozZ5nltZQ4Af8pO4?usp=share_link



ANEXO 1

IMAGENS DOS TRABALHOS INDIVIDUAIS

“LAMBE #1”

LAMBE

120 x 168 cm

Grid de folhas A4 coladas como “Lambe-Lambe”

2019



SÉRIE “PINTURAS DE CINEMA”

“Estado de Sítio” [État de Siège]

170 x 120 cm

Tinta acrílica e óleo sobre tela s/ chassi

2020



SÉRIE "PINTURAS DE CINEMA"



SÉRIE "PINTURAS DE CINEMA"

"Funny Games"

170 x 90 cm

Tinta acrílica e óleo sobre tela s/ chassi

2020



SÉRIE "PINTURAS DE CINEMA"



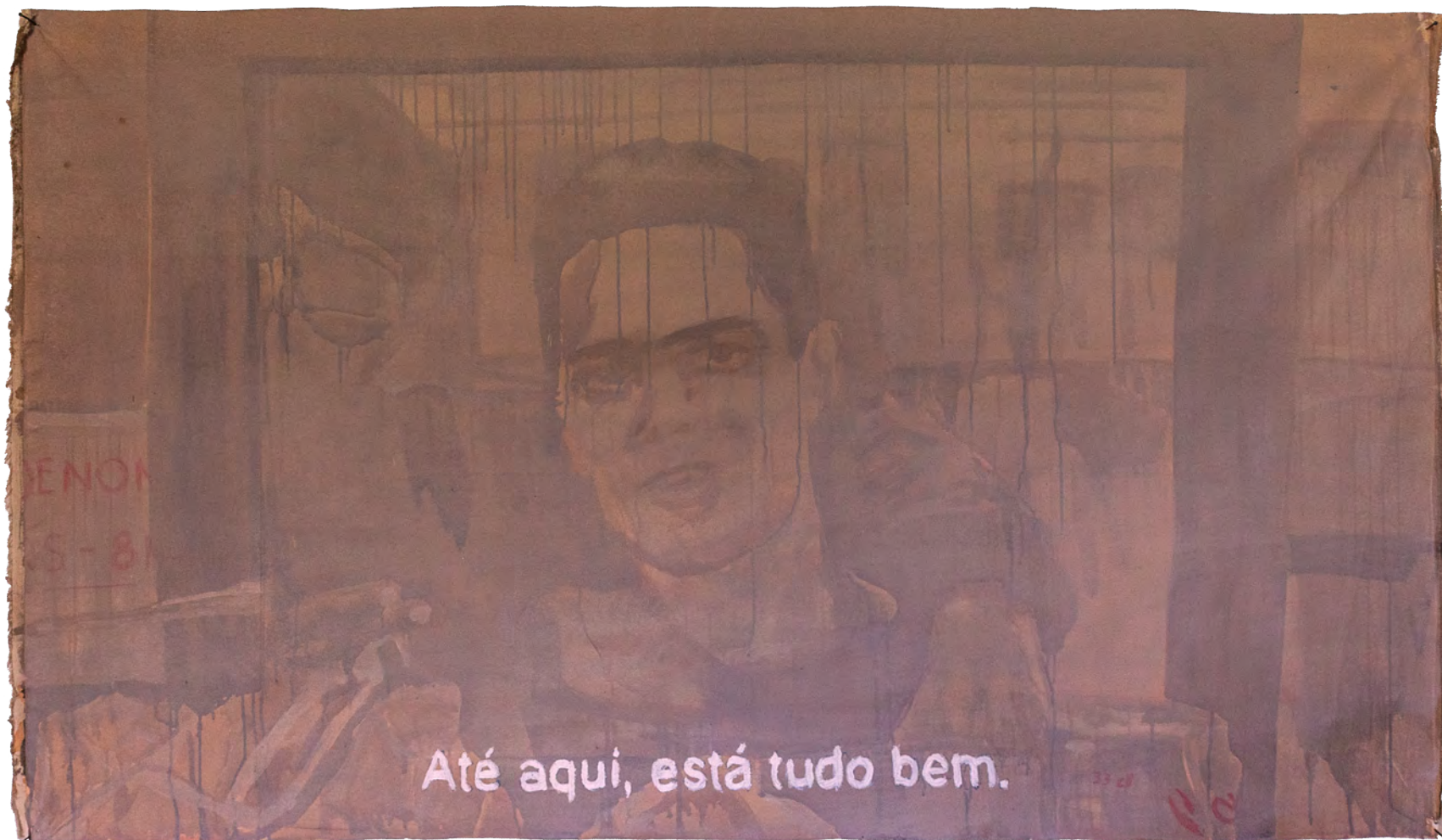
SÉRIE “PINTURAS DE CINEMA”

“La Haine” [O ódio]

170 x 100 cm

Tinta acrílica e óleo sobre tela s/ chassi

2020



SÉRIE “PINTURAS DE CINEMA”



TRÍPTICO "TREVAS"

TREVAS (Triptico)

170 x 360 cm

Tinta acrílica e serigráfica sobre
cartazes apropriados

2021-22



TRÍPTICO "TREVAS"



“ZENGAKUREN #1”

ZENGAKUREN #1

170 x 240 cm

**Tinta acrílica e serigráfica sobre
cartazes apropriados
2022**



“ZENGAKUREN #1”



“ZENGAKUREN #2”

ZENGAKUREN #2

170 x 240 cm

**Tinta acrílica e serigráfica sobre
cartazes apropriados**

2022



“ZENGAKUREN #2”

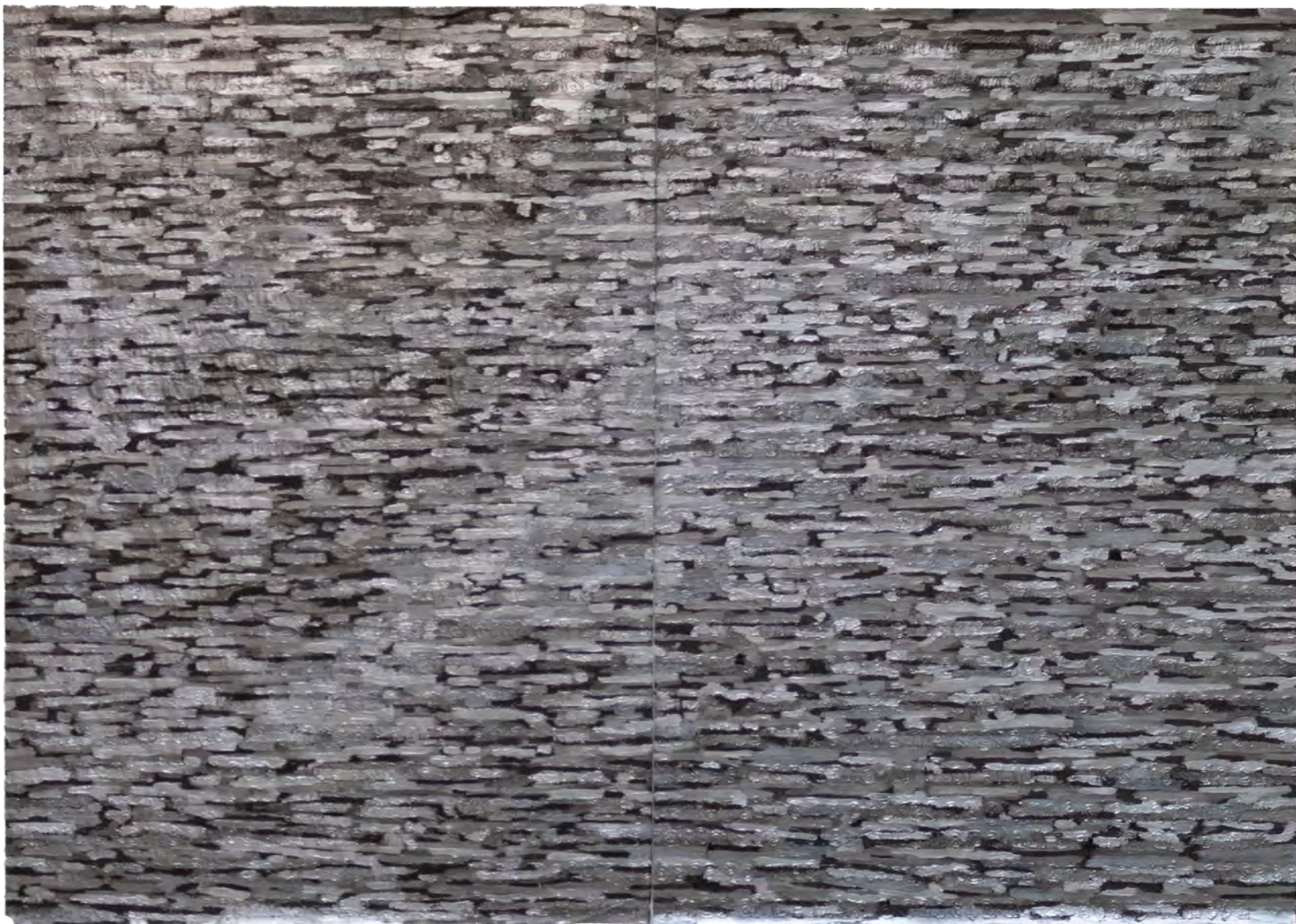


“CHIADO”

CHIADO

170 x 240 cm

**Tinta acrílica e serigráfica sobre
cartazes apropriados
2022**



“CHIADO”



ANEXO 2

NOTAS DE RODAPÉ

Páginas 3 e 4

TJ Clark, em seu ensaio *Pintura no Ano Dois*, utiliza deste relato - dentre inúmeros outros documentos históricos - para esmiuçar os eventos políticos e sociais que permearam a produção e exposição pública da pintura *Marat Assassinado*, feita por Jacques Louis David, nos anos fundacionais da revolução francesa. Em seu texto, o autor britânico sustenta que a “matéria prima” de Marat - e seu “pleno sentido” - estejam contidas justamente nas minúcias, mudanças e, principalmente, nas contingências das relações materiais e políticas de seu contexto. Para aprofundamento, ver CLARK, TJ (2007)

A imagem apresentada na página 4 é uma reprodução em preto e branco da pintura de David, “*Marat Assassinado*”. Atualmente, ela está sob os cuidados do *Musées royaux des Beaux-Arts* de Belgique em Bruxelas.

Página 9

O “Depois do fim da arte” é um grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de São Paulo (CAP-ECA-USP), e ao CNPq, com orientação de Dora Longo Bahia. O grupo surgiu para pensar o papel do artista na contemporaneidade e a relação da arte com o contexto geral – aquele no qual ela se insere e aquele do qual ela se distancia. Partindo da afirmação Situacionista de que a arte estaria superada, o grupo tem como objetivo investigar a relevância da arte contemporânea, tendo como prioridade a prática artística. A prática do grupo abrange desde encontros para leitura e discussão de textos de interesse comum, passando por cineclubes a partir das leituras, até a realização de trabalhos práticos para a rua e/ou instituições de arte. Para saber mais, acesse: depoisdofimdaarte.org

Página 10

“Ainda não” foi uma ocupação do espaço da Galeria Vermelho, cujo objetivo era refletir, através da prática e do debate, sobre o lugar da arte no horizonte histórico, social e político atual. A ocupação caracterizava-se como um lugar de ações temporárias que se desenvolveram ao longo do tempo e em um espaço aberto, exercitando uma lógica colaborativa de trabalho. Para ver e saber mais, acesse: depoisdofimdaarte.org

Participantes: Andrés Suárez, Bruno Ferreira, Bruno Storni, Celso Nino, Dora Longo Bahia, Felipe Salem, Francisco Miguez, Frederico Ravioli, Ilê Sartuzi, Isabella Rjeille, João Gonçalves, Lahayda Dreger, Marina Lima, Pedro Andrada, Renata Pedrosa, Renato Maretti, Talita Hoffmann, Tomas Irici e Victor Maia.

Páginas 13 e 14

Cripta foi um projeto de ocupação da Sala Antonio, na Galeria Vermelho, cujo objetivo foi investigar qual o papel do artista contemporâneo por meio de intervenções artísticas. Trata-se de criar intersecções entre os conceitos e formas discutidos durante o primeiro semestre de 2019, em que foram lidos os textos “Crítica da Razão Negra” e “Necropolítica”, de Achille Mbembe, “O uso dos corpos”, de Giorgio Agamben, “Hegel e o Haiti”, de Susan Buck-Morss, e exibidos os filmes “Relações de classe”, de Straub-Huillet, “Os zumbis de Sugar Hill”, de Paul Maslansky, “Touki Bouki”, “A viagem da hiena”, de Djibril Diop Mambéty, “A vida de Jesus”, de Bruno Dumont, e “Play”, de Ruben Östlund. Cripta apresenta um trabalho em desenvolvimento que compreende os simulacros, os duplos e os zumbis como figuras cruciais da experiência social atual, desvelando os cruzamentos entre os filmes exibidos e os textos explorados, em uma resposta plástica às discussões teóricas estabelecidas no semestre anterior.

O título refere-se à frase “[...] o Negro é [...] o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital” (MBEMBE, *Crítica da razão negra*, 2018, p. 21) e aponta para os interesses do grupo em discutir a relação da arte com questões sociais, econômicas, históricas e políticas. Para ver e saber mais, acesse: depoisdofimdaarte.org

Participantes: Anna Talebi, Ariédhine Carvalho, Bruno Ferreira, Cássia Aranha, Dora Longo Bahia, Eloísa Almeida, Felipe Salem, Gabriel Ussami, Gabriel Xavier, Igor Vice, Ilê Sartuzi, Karol Pinto, Lahayda, Leandro Muniz, Marina Lima, Murillu, Nina Lins, Rosângela Pestana, Terenah, Thais Suguiyama, Thais Teotônio, Victor Maia.

Páginas 15 e 16

As passagens em texto que compõem a dupla de páginas são retiradas de três filmes de cinema, são estes “Funny Games”, de Michael Haneke, “Estado de Sítio” [*État de Siège*], de Costa-Gavras, e “O ódio” [*La Haine*], de Mathieu Kassovitz. As imagens, por sua vez, são imagens de pinturas feitas a partir de *stills* dos respectivos filmes, cuja série tem nome de “Pinturas de cinema”. Essa e outras séries que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

A passagem contida na página 15 é retirada de “Estado de Sítio”, e as duas contidas na página 16 são, respectivamente, retiradas de “O ódio” e “Funny Games”, seguindo a ordem de cima para baixo.

Por serem filmes cujas temáticas envolvem a violência e, mais especificamente, como as imagens se inserem politicamente neste contexto, acredito que essa aproximação entre os filmes, e suas passagens, venham a ser interessantes à discussão apresentada no presente zine.

Páginas 17 e 18

O “Tsunami da Educação” foi uma onda de protestos, paralisações, aulas públicas, greves, performances e piquetes em todo o Brasil, em reação ao anúncio de corte de 30% no orçamento do MEC e de setores ligados à educação. Ao longo das três datas que formaram o movimento, estima-se que 222 cidades brasileiras foram mobilizadas; todas as capitais, incluindo Brasília, e demais cidades universitárias no país. Segundo a UNE (União Nacional dos Estudantes, cerca de 1,5 milhão de pessoas se mobilizaram em casa um dos três dias. Para saber mais, ver UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (2019)

Páginas 19 e 20

As passagens em texto que compõem a dupla de páginas são versos da música “Trevas”, de Jards Macalé, adaptação livre do “Canto I”, de Ezra Pound. O single tem coprodução de Kiko Dinucci e Thomas Harres. Para saber mais, veja MACALÉ (2018)

As imagens, por sua vez, são imagens de pinturas feitas em tinta acrílica sobre cartazes apropriados a partir da ilustração do single - feita por Kiko Dinucci -, e do videoclipe da música, dirigido por Gregorio Gananian. As duas pinturas fazem parte de um tríptico chamado “TREVAS”. Essa e outras séries que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

Páginas 21 e 22

O programa “Future-se”, além de ser - segundo a Carta Capital - “nada mais do que um mecanismo de privatização da rede federal de educação”, foi uma tentativa de militarização das escolas federais do país, formalizado no Programa Nacional de Escolas Cívico-Militares. Os atos dos dias 02 e 03 de outubro foram, então, reações a estas medidas autoritárias do governo Bolsonaro. Para saber mais, veja CAPITAL (2019)

Páginas 25 e 26

A imagem da página 25 é um desenho a partir da ilustração do álbum “Cortes Curtos”, de Kiko Dinucci, de 2017.

A imagem da página 26 é uma fotografia de Kenji Ishiguro (1935) do movimento Zengakuren. O movimento Zengakuren - versão reduzida para Zen-Nihon Gakusei Jichikai Sorengo [Liga dos Estudantes Autônomos de Todo o Japão] - é um movimento de esquerda autônomo fundado em 1948, herdeiro de lutas anteriores do Partido Comunista japonês, do movimento cinematográfico PROKINO e da literatura militante japonesa, no início do século. O ápice do movimento ocorreu nos anos finais de 1960, quando milhões de estudantes ocuparam universidades no país inteiro. Suas reivindicações iam desde necessidades das universidades locais, passando por reivindicações estruturantes do sistema educacional local, até por posições anti-imperialistas contra a presença norte-americana no país e no Vietnã. Zengakuren ainda está ativo e buscando a mudança social profunda no país. Tão notável quanto sua força de mobilização e ação política, a produção artística vinculada ao movimento e contemporânea a ele foi muito forte: filmes como de Nagisa Oshima, por exemplo, como “Noite e neblina no Japão”, de 1960, tratam da complexidade política do movimento. Para saber mais, veja DOWSEY (2020)

Páginas 27 e 28

As passagens em texto que compõem a dupla de páginas são versos da música “Salve Geral”, da big band de São Paulo, Aláfia. De composição de Eduardo Brechó. Ver ALÁFIA (2015)

As imagens são fotografias de estandartes produzidos para as manifestações do dia 14 de junho de 2019, dentro do contexto do movimento “Tsunami pela educação”. A ideia de se decapitar uma figura tirânica não é, de modo algum, nova; um dos tripés do período conhecido como Terror na Revolução Francesa é justamente a execução em praça pública por meio da guilhotina. Essa ideia pairava no imaginário político no Brasil e em certos lugares (vide que, nos Estados Unidos, manifestantes colocaram uma guilhotina em frente à casa de Jeff Bezos, dono da Amazon). A música “Salve Geral”, então, pareceu muito propícia para a ocasião, ainda mais quando um dos versos se refere diretamente a um “Capitão” anônimo, mas que, pelo contexto, a associação com Bolsonaro seria imediata. Os “capatazes”, então, viriam de rebote como os ministros midiaticamente mais expostos até o momento: Weintraub e Paulo Guedes. A referência a Sérgio Moro, Deltan Dallagnol e, conseqüentemente, à operação Lava Jato - pilar importante da ascensão do Bolsonarismo no país - se deu pelos vazamentos feitos pelos veículos de comunicação The Intercept e da Folha de São Paulo, “VazaJato”,

expondo toda a irregularidade ética e interesse político na condução dos casos pelo ex-juiz e ex-procurador da república. “Decapitamos o teu capeta”, então, caiu como uma luva para o momento específico. Essa e outras séries que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

Páginas 29 e 30

Imagem de pintura (“Zengakuren #1”) em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados a partir de uma fotografia do movimento Zengakuren, de autoria desconhecida. Esse e outros trabalhos que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

Páginas 31 a 34

A seção compreendida nas páginas 31 a 34 é composta por uma reportagem falsa elaborada a partir de uma reportagem verdadeira publicada no Jornal do Campus, da Universidade de São Paulo, em 29 de outubro de 2019, escrita por João Gabriel Batista. Para saber mais, ver BATISTA (2019)

Páginas 35 e 36

As passagens em texto que compõem a dupla de páginas são partes do texto do vídeo / curta de Jean-Luc Godard, “*Je vous salue, Sarajevo*”, de 1993. Ver GODARD (1993)

As imagens, por sua vez, são imagens de diferentes formas de representação dentro das artes visuais do “paredão”, ou do “muro”, enquanto um lugar simbólico de atividades opressoras e autoritárias. Seguindo a orientação de cima para baixo e da esquerda para a direita, a primeira imagem é a pintura à óleo de Manet, “A execução de Maximiliano” (1868); a segunda é a pintura de Francisco de Goya, “Três de maio em Madrid” (1814); a terceira, a imagem *still* de “*Je vous salue, Sarajevo*”, de Jean-Luc Godard. Essa imagem, especificamente, é a apropriação de uma imagem fotojornalística de Ron Aviv, durante a guerra dos Balcãs, na antiga Iugoslávia. A última fotografia, por sua vez, é uma imagem em lambe-lambe na parede do departamento de Artes Visuais (CAP), a partir do registro em 35mm de uma videoarte, cujo local, data e autoria são desconhecidos.

Páginas 37 e 38

Imagem de pintura (“Zengakuren #2”) em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados a partir de uma fotografia do movimento Zengakuren, de autoria desconhecida. Esse e outros trabalhos que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

Páginas 39 e 40

As passagens em texto da página 39 são retiradas de um pequeno manifesto publicado no dia 10 de agosto de 2020, por ocasião de sua primeira ação na Av. Paulista, no dia 19 do mesmo mês. A partir daí, até hoje, o grupo vem construindo sua atuação com base na disputa política das imagens no Brasil, no resgate da memória de luta, na retomada de uma ação propositiva e na urgência de seu contexto, fazendo contato entre o fazer artístico com o fazer político. O anonimato e o trabalho coletivo são pilares na atuação do grupo.

As imagens na página 40 são imagens de divulgação e registros da ação “ANTIDESFILE”, no dia 07 de setembro de 2020, em contraponto ao uso da farsa do “dia da independência” para a construção de um projeto nacionalista autoritário por Bolsonaro. Ainda, o contexto de 2020 faz ser impossível não incluir as políticas genocidas do governo em meio à pandemia de COVID-19 nas ações do grupo.

Páginas 43 e 44

Imagem de pintura (“Chiado”) em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados a partir de uma fotografia do movimento Zengakuren, de autoria desconhecida. Esse e outros trabalhos que compõem o trabalho de conclusão de curso se encontram no anexo virtual.

ANEXO 3

IMAGENS UTILIZADAS NO ZINE

Marat Assassinado

Óleo sobre tela

120 x 168 cm

Jacques Louis David

1793

Museu de Belas Artes de

Bruxelas, Bélgica





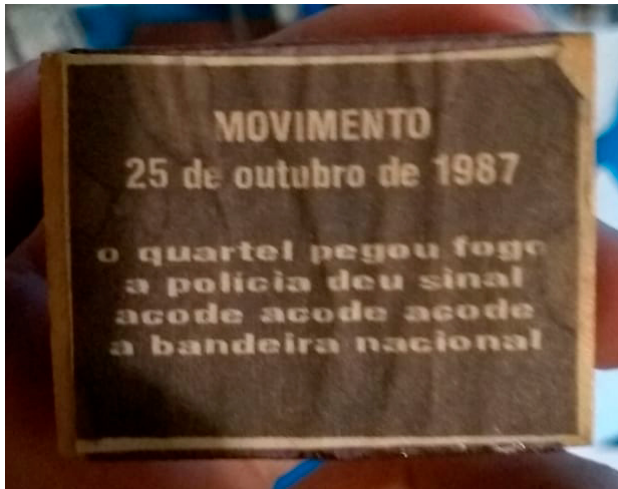
Faixas e cartazes “Morrer de trabalhar” e “Trabalhar até morrer”, fotografias do arquivo Depois do fim da arte

PÁGINA 10



Performance “O Abaporu é nosso”, registro fotográfico do arquivo Depois do fim da arte

PÁGINAS 11 E 12



Caixa de fósforo “Movimento 25 de outubro de 1987”, fotografia de Frederico Ravioli



Pintura sobre cartazes apropriados para o evento, fotografia de Dora Longo Bahia

PÁGINAS 11 E 12

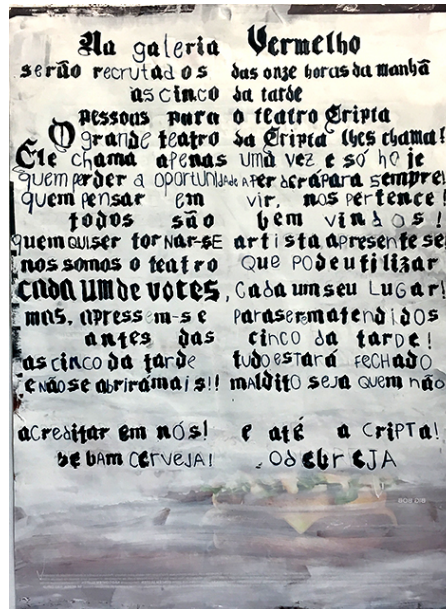


Inflável Mina Marinha, fotografia de Dora Longo Bahia

PÁGINAS 13 E 14



Identidade visual CRIPTA, retirado do arquivo Depois do fim da arte



Cartaz "Relações de Classe", reprodução retirada do arquivo Depois do fim da arte

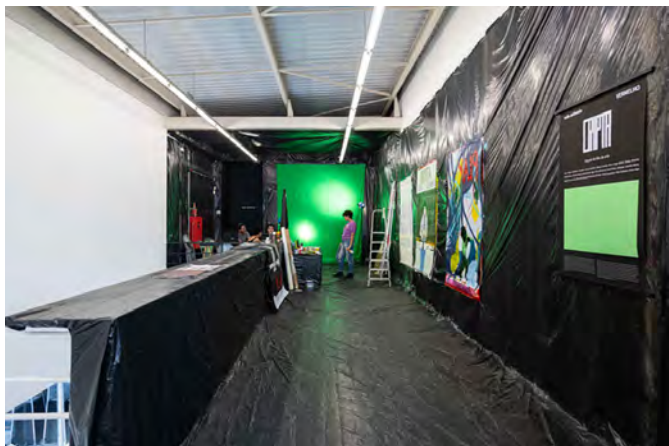


Cartaz "Play", reprodução retirada do arquivo Depois do fim da arte

PÁGINAS 13 E 14



Cartaz “A vida de Jesus”,
reprodução retirada do arquivo
Depois do fim da arte



Registro da ocupação CRIPTA, na galeria
Vermelho, fotografia de Edouard Fraipont

PÁGINAS 17 E 18



Faixa na manifestação, fotografia de Dora Longo
Bahia



Faixa no ateliê de pintura do CAP, fotografia de arquivo pessoal



Faixa frontal, fotografia de Sato do Brasil (Jornalistas Livres)



Faixa na manifestação, fotografia de Dora Longo Bahia



Faixa no jardim do CAP, fotografia de Dora Longo Bahia



Zengakuren #3, imagem retirada do movimento de estudantes japoneses ao longo do século XX. Fotografia de Kenji Ishiguro.



Imagens registro dos estandartes produzidos a partir da música "Salve Geral", da banda Aláfia, para as manifestações de junho de 2019. Fotografias de Dora Longo Bahia



Fotografia do muro com intervenção de cartaz lambe-lambe, de João Gabriel Batista, Jornal do Campus (USP)



Fotografia do muro com intervenção rasgada, de João Gabriel Batista, Jornal do Campus (USP)



Reprodução em gravura da pintura “A execução de Maximiliano”, de Edouard Manet.

**“A execução de Maximiliano”
Óleo sobre tela (252 x 305 cm)
1868
Edouard Manet
Stadtische Kunsthalle, Mannheim**



Fotografia do muro com intervenção em pintura, de arquivo pessoal



Pintura “A execução de Maximiliano”, de Edouard Manet



Reprodução da pintura “Três de maio de 1808 em Madrid”, de Francisco de Goya

“Três de maio de 1808 em Madrid”

Óleo sobre tela (266 x 345 cm)

1814

Francisco de Goya

Museu do Prado, Madrid



Still do vídeo “Je Vous Salue, Sarajevo” (1993), de Jean-Luc Godard, a partir da fotografia jornalística da guerra dos Balcãs de Ron Aviv.



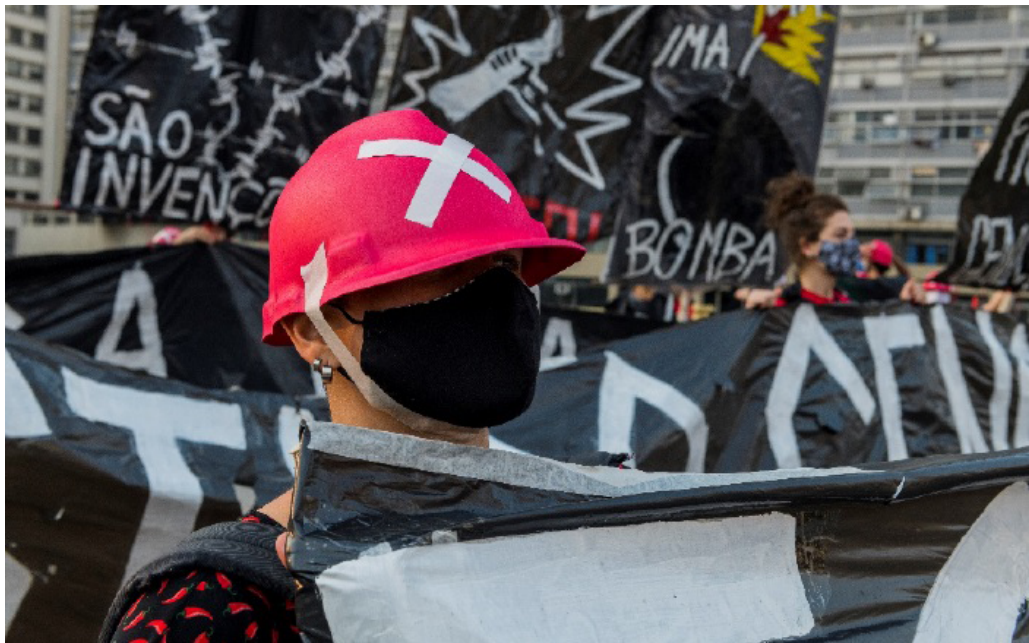
Fotografia de registro de ação no dia 19 de agosto de 2020, em frente ao prédio da FIESP, na Avenida Paulista. Arquivo do Grupo de Ação



Fotografia de registro de ação no dia 19 de agosto de 2020, em frente ao prédio da FIESP, na Avenida Paulista. Arquivo do Grupo de Ação



Cartaz-divulgação da ação “Antidesfile”, no dia 07 de setembro de 2020, no viaduto Santa Ifigênia. Arquivo do Grupo de Ação



**Registro da ação “Antidesfile”, no viaduto Santa Ifigênia.
Arquivo do Grupo de Ação**



**Registro da ação “Antidesfile”, em frente ao Teatro Municipal.
Arquivo do Grupo de Ação**

ANEXO 4

LEGENDAS E CRÉDITOS DAS IMAGENS UTILIZADAS

Página 4

Fotografia reprodução da pintura “Marat Assassinado”, de Jacques Louis David

Marat Assassinado
Óleo sobre tela (120 x 168 cm)
1793
Jacques Louis David
Museu de Belas Artes de Bruxelas, Bélgica

Páginas 9 e 10 (Depois do fim da arte e Ainda não)

Imagem “Depois do fim”, fotografia de arquivo pessoal

Faixas e cartazes “Morrer de trabalhar”, fotografia do arquivo Depois do fim da arte

Faixas e cartazes “Trabalhar até morrer”, fotografia do arquivo Depois do fim da arte

Performance “O Abaporu é nosso”, registro fotográfico do arquivo Depois do fim da arte

Páginas 11 e 12 (Organizar as lutas, implicar tudo)

Caixa de fósforo “Movimento 25 de outubro de 1987”, fotografia de Frederico Ravioli

Pintura sobre cartazes apropriados para o evento, fotografia de Dora Longo Bahia

Inflável Mina Marinha, fotografia de Dora Longo Bahia

Páginas 13 e 14 (CRIPTA)

Identidade visual CRIPTA, retirado do arquivo Depois do fim da arte

Cartaz “Relações de Classe”, reprodução retirada do arquivo Depois do fim da arte

Cartaz “A vida de Jesus”, reprodução retirada do arquivo Depois do fim da arte

Cartaz “Play”, reprodução retirada do arquivo Depois do fim da arte

Registro da ocupação CRIPTA, na galeria Vermelho, fotografia de Edouard Fraipont

Páginas 15 e 16 (Pinturas de cinema)

“Funny Games”, reprodução de arquivo pessoal

“État de Siège”, reprodução de arquivo pessoal

“La Haine”, reprodução de arquivo pessoal

Páginas 17 e 18 (Corta Sangra)

Faixa na manifestação, fotografia de Dora Longo Bahia

Faixa frontal, fotografia de Sato do Brasil (Jornalistas Livres)

Faixa no ateliê de pintura do CAP, fotografia de arquivo pessoal

Páginas 19 e 20 (TREVAS)

Fotografias reprodução de duas pinturas da série em tríptico “TREVAS”, a partir da ilustração (de Kiko Dinucci) do single “TREVAS”, de Jards Macalé. As pinturas são feitas em tinta acrílica sobre cartazes apropriados.

Páginas 21 e 22 (ARTE ANTICOLAPSO)

Faixa no jardim do CAP, fotografia de Dora Longo Bahia

Faixa na manifestação, fotografia de Dora Longo Bahia

Página 25 e 26

Imagem retirada de pintura feita em tinta acrílica sobre cartazes apropriados, a partir da ilustração do álbum “Cortes Curtos”, de Kiko Dinucci.

Zengakuren #3, imagem retirada do movimento de estudantes japoneses ao longo do século XX. Fotografia de Kenji Ishiguro.

Páginas 27 e 28 (Estandartes Decaptaremos o Teu Capitão)

Imagens registro dos estandartes produzidos a partir da música “Salve Geral”, da banda Aláfia, para as manifestações de junho de 2019. Fotografias de Dora Longo Bahia

Páginas 29 e 30 (Zengakuren #1)

Imagem reprodução de pintura do movimento Zengakuren - movimento estudantil autônomo no Japão do século XX. As pinturas são feitas em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados. Fotografia de arquivo pessoal.

Páginas 31 a 34 (Muro do CAP)

Fotografia do muro com intervenção de cartaz lambe-lambe, de João Gabriel Batista, Jornal do Campus (USP)

Fotografia do muro com intervenção rasgada, de João Gabriel Batista, Jornal do Campus (USP)

Reprodução de gravura da pintura “A execução de Maximiliano”, de Edouard Manet.

“A execução de Maximiliano”
Óleo sobre tela (252 x 305 cm)
1868
Edouard Manet
Städtische Kunsthalle, Mannheim

Fotografia do muro com intervenção em pintura, de arquivo pessoal

Páginas 35 e 36 (Muro)

Reprodução de gravura da pintura “A execução de Maximiliano”, de Edouard Manet

Still do vídeo “Je Vous Salue, Sarajevo” (1993), de Jean-Luc Godard, a partir da fotografia jornalística da guerra dos Balcãs de Ron Aviv.

Reprodução da pintura “Três de maio de 1808 em Madrid”, de Francisco de Goya

“Três de maio de 1808 em Madrid”
Óleo sobre tela (266 x 345 cm)
1814
Francisco de Goya
Museu do Prado, Madrid

Fotografia de lambe-lambe, a partir de fotografia 35mm PB de origem desconhecida. Arquivo pessoal

Páginas 37 e 38 (Zengakuren #2)

Imagem reprodução de pintura em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados. Fotografia de arquivo pessoal

Páginas 39 e 40 (Grupo de ação)

Fotografia de registro de ação no dia 19 de agosto de 2020, em frente ao prédio da FIESP, na Avenida Paulista. Arquivo do Grupo de Ação

Fotografia de registro de ação no dia 19 de agosto de 2020, em frente ao prédio da FIESP, na Avenida Paulista. Arquivo do Grupo de Ação

Cartaz-divulgação da ação “Antidesfile”, no dia 07 de setembro de 2020, no viaduto Santa Ifigênia. Arquivo do Grupo de Ação

Registro da ação “Antidesfile”, no viaduto Santa Ifigênia. Arquivo do Grupo de Ação

Registro da ação “Antidesfile”, em frente ao Teatro Municipal. Arquivo do Grupo de Ação

Páginas 43 e 44 (Chiado)

Imagem reprodução de pintura em tinta acrílica e serigráfica sobre cartazes apropriados. Fotografia de arquivo pessoal